



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Maria Isabel Ivonilde Costa da Silva

**Tradução Comentada de Trecho da Obra “O segundo sexo” de
Simone de Beauvoir**

Fortaleza/ CE

2021

Maria Isabel Ivonilde Costa da Silva

**Tradução Comentada de Trecho da Obra “O segundo sexo” de
Simone de Beauvoir**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Orientador: Dr. Rodrigo Custódio da Silva

Fortaleza/ CE

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Maria Isabel Ivonilde Costa da
Tradução Comentada de Trecho da Obra "O segundo sexo" de
Simone de Beauvoir / Maria Isabel Ivonilde Costa da Silva
; orientador, Rodrigo Custódio da Silva, 2021.
75 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS,
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Tradução comentada. 3. Estudos
feministas. 4. Procedimentos técnicos da tradução. 5.
Português-Libras. I. Silva, Rodrigo Custódio da . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras
LIBRAS. III. Título.

RESUMO

O presente trabalho é uma tradução comentada de trecho da obra do “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, publicado originalmente em 1949, disponível na apostila do curso “Transpassando as Barreiras do Silêncio: Surdez e Gênero em questão”, material do projeto de extensão TransPassando, da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Com a finalidade de verificar quais as estratégias foram adotadas no trabalho tradutório para Libras, faço uma análise crítica levando em consideração o contexto em que a tradução está inserida. Em seguida, comento a compensação dos aspectos estilísticos do texto na tradução para Libras, trazendo os procedimentos técnicos da tradução achados na pesquisa, dentre omissão, explicitação, compensação, reconstrução de períodos e melhorias (BARBOSA, 1990), apresentando exemplos que derivam conforme o contexto. Por fim, identifico os marcadores de gênero presentes em ambas as línguas envolvidas na tradução e suas diferentes formas de expressão, evidenciando propostas que atentem à singularidade da obra de Beauvoir. Este relato de experiência se caracteriza como qualitativo, descritivo de natureza aplicada. Percebeu-se, ao fim da análise dois resultados, que aspectos extralinguísticos não podem ser ignorados (NORD, 1997 *apud* POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008) e que marcadores de gênero não poderiam ser expressos de forma neutra, uma vez que o texto trata sobre as relações sociais de gênero, ademais, a pesquisa me permitiu refletir sobre uma nova filmagem do material traduzido a fim de alinhar questões técnicas no registro em vídeo da tradução.

Palavras-chave: Tradução comentada. Estudos feministas. Procedimentos técnicos da tradução. Português-Libras.

RESUMO EM LIBRAS

Link de acesso: https://youtu.be/RpvyJ3s_B7g

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	Mapa do estúdio.....	22
Figura 2	-	<i>Frame</i> do vídeo.....	23
Figura 3	-	Omissão do sinal mulher.....	34
Figura 3a	-	Mulher	35
Figura 3b	-	Tratamento	35
Figura 3c	-	Especial	35
Figura 3d	-	“Mulher”	36
Figura 3e	-	(Mulher).....	36
Figura 3f	-	Aceitar.....	36
Figura 4	-	Mulher humana/fêmea animal.....	43
Figura 4a	-	Mulher.....	43
Figura 4b	-	Pessoa.....	44
Figura 4c	-	Mulher.....	44
Figura 4d	-	Animal.....	44
Figura 5	-	Mulher? por quê? Falta características boas.....	45
Figura 5a	-	Mulher?.....	45
Figura 5b	-	Por quê?.....	45
Figura 5c	-	Porque.....	46
Figura 5d	-	Falta.....	46
Figura 5e	-	Características.....	46
Figura 5f	-	Boas.....	47
Figura 6	-	Feminilidade/mulher.....	47
Figura 6a	-	Mas	48
Figura 6b	-	Significa.....	48
Figura 6c	-	Mostra.....	48
Figura 6d	-	O quê?.....	49
Figura 6e	-	Dentro.....	49
Figura 6f	-	Sentimento.....	49
Figura 6g	-	Forte.....	50
Figura 6h	-	Combina.....	50
Figura 6i	-	Mulher.....	50

Figura 7	- Eterno feminino.....	51
Figura 7a	- Essência.....	51
Figura 7b	- Características.....	51
Figura 7c	- Mulher.....	52
Figura 7d	- Em mim.....	52
Figura 8	- Mulher/fêmea.....	53
Figura 8a	- Sexo.....	53
Figura 8b	- Mulher.....	53
Figura 8c	- Se mostra/apresenta.....	54
Figura 8d	- Combina.....	54
Figura 8e	- Homem.....	54
Figura 8f	- Vê.....	55
Figura 8g	- Sexo.....	55
Figura 8h	- Me dá.....	55
Figura 9	- Feminino/mulher.....	56
Figura 9a	- Não ter.....	56
Figura 9b	- Características.....	56
Figura 9c	- Já.....	57
Figura 9d	- Combina.....	57
Figura 9e	- Mulher.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Trecho 1.....	33
Quadro 2	- Trecho 2.....	33
Quadro 3	- Trecho 3.....	34
Quadro 4	- Trecho 4.....	37
Quadro 5	- Trecho 5.....	37
Quadro 6	- Trecho 6.....	38
Quadro 7	- Trecho 7.....	39
Quadro 8	- Trecho 8.....	39
Quadro 9	- Trecho 9.....	40

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

TILSP - Tradutora e Intérprete de Libras/Português

LT - Língua traduzida

LO - Língua original

ET - Estudos da tradução

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UECE - Universidade Estadual do Ceará

Nel - Núcleo de Libras

SATE - Secretaria de Apoio às Tecnologias Educacionais

CIL - Central de Intérpretes do Estado do Ceará

EaD - Educação a distância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 SOBRE TRADUÇÃO	14
1.1 Tradução Funcionalista.....	14
1.2 Procedimentos Técnicos da Tradução.....	16
1.3 Tradução comentada.....	17
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	20
2.1 Uma breve contextualização.....	20
2.2 Sobre a tradução.....	23
2.3 Por que “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir?.....	24
2.4 Critérios de análise.....	26
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	30
3.1 Análise Crítica.....	30
3.2 Procedimentos Técnicos (divergência do estilo).....	32
3.2.1 Omissão.....	33
3.2.2 Explicitação.....	37
3.2.3 Reconstrução de períodos.....	38
3.2.4 Compensação e melhorias.....	41
3.3 Marcadores de gênero.....	41
4 CONCLUSÃO	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE – GLOSA DO TRECHO DA OBRA “O SEGUNDO SEXO”	63
ANEXO A – TRECHO DA OBRA “O SEGUNDO SEXO”	69
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DE USO DO MATERIAL AUDIOVISUAL	72

INTRODUÇÃO

Contextualização

Esta pesquisa, para obtenção do título de Bacharela em Letras Libras, surge da reflexão pessoal sobre a prática tradutória, iniciada na minha primeira formação, em 2014, quando ingresso na Escola Estadual de Educação Profissional Joaquim Nogueira, no curso Técnico em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais. O modelo de educação profissional de ensino do estado do Ceará integra a educação básica de ensino médio à formação profissional de nível técnico.

Curso pioneiro nessa modalidade, em que alunos surdos e ouvintes (do curso de instrução de Língua Brasileira de Sinais e Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais, respectivamente) estudam juntos o ensino médio e o curso técnico, separando-se apenas nas disciplinas específicas, foi pensado a partir do Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sua grade curricular como base. Nessa proposta, os alunos ouvintes aprendem Libras do zero, em contato com os surdos, uma vez que passam 10 h por dia juntos, durante 3 anos, enquanto se profissionalizam.

No segundo semestre de 2016, ingressei no Letras Libras Bacharelado da Universidade Federal de Santa Catarina, seguindo minha formação até o presente momento. Atualmente sou intérprete e tradutora do par linguístico Libras/Português, lotada no Núcleo de Libras-Nel, da Universidade Estadual do Ceará-UECE.

Acredito que o tipo de pesquisa que me proponho a desenvolver neste trabalho de conclusão de curso pode enriquecer minha formação enquanto estudante/pesquisadora dos estudos da Tradução de Língua de Sinais bem como tradutora e intérprete. Concordando com Rossi (2018), entendo que a Tradução Comentada é uma relevante forma de aprender, pois os processos de reflexão do trabalho percorrem todo o caminho trilhado durante a pesquisa, nos tornando profissionais mais conscientes de nossas atuações.

Justificativa

Em uma das demandas da UECE, tive contato com o coletivo “TransPassando”, que, em 2016, cria o programa de extensão de Formação de Travestis e Pessoas Transgêneras com

o objetivo de combater a transfobia e os demais preconceitos de gênero, raça e classe dentro dos espaços universitários e fora deles. O programa conta com inúmeros projetos, porém “o primeiro a ser efetivado e o mais central enquanto atividade do programa é o Pré-Vestibular Transpassando UECE” (OBSERVATÓRIO, 2017; FRANCO, 2019). Programa que conta com colaboradores e facilitadores voluntários, surgiu da iniciativa político-pedagógica idealizada pela Professora Dra. Ilana Viana do Amaral e manifesta-se como uma ação política de ocupação do espaço universitário pelas pessoas trans e travestis, que historicamente foram negadas do direito pleno à educação por serem rotineiramente violentadas fisicamente, psicologicamente e moralmente.

Uma das iniciativas do projeto de extensão é o curso “Transpassando as Barreiras do Silêncio: Surdez e Gênero em questão”, em parceria com alunos do Letras Libras da Universidade Federal do Ceará e com o Núcleo de Libras da UECE, que cede as profissionais para interpretação dos encontros e para tradução do material de apoio do curso, organizado por Paulo Willame Araújo de Lima, professor e coordenador do curso “Surdez e Gênero”. Esse material de apoio em forma de apostila é dividido em duas sessões, sendo a primeira voltada a surdez e Libras, com quatro textos, e a segunda voltada para gênero e sexualidade, com a mesma quantidade de textos. Esses recortes dos textos originais foram discutidos nos encontros presenciais de forma alternada entre os eixos surdez e gênero.

A equipe de Tradutoras e Intérpretes de Libras/Português - TILSP é formada inicialmente por duas profissionais da UECE e duas voluntárias, posteriormente as duas voluntárias não puderam continuar conosco no projeto, ficando assim sob nossa responsabilidade essa demanda de forma integral. Nos primeiros encontros, também contamos com a colaboração dos profissionais da Central de Intérpretes do Estado do Ceará - CIL. A divisão do material a ser traduzido se deu pelos eixos da apostila e pelo conforto das profissionais em relação aos temas abordados. Ficaram sob minha incumbência os quatro textos sobre gênero e sexualidade. O texto que escolho para minha análise é o de número 2, um trecho do primeiro volume da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir.

Esse foi um dos trabalhos mais marcantes para minha carreira, sendo um dos primeiros trabalhos de tradução que desenvolvi na Universidade Estadual do Ceará. Para mim, a complexidade delicada dos detalhes no texto foi um desafio singular. Houve um esforço para que o processo tradutório fosse o mais consciente possível, as escolhas contavam com uma reflexão de como o existencialista poderia ser expresso em Libras. A preocupação

nunca foi meramente com sinais específicos, mesmo porque o texto não carecia. Sendo o público-alvo leigos de quaisquer temas íntimos aos textos, essa tradução se concentrou em compreender as reflexões trazidas pela autora sobre as relações de gênero vivenciadas. Nesse sentido, a escolha desse tema se deu de forma muito natural em se tratando dos processos sucedidos, mas também política, em virtude do contexto em que tive acesso ao texto, bem como seu teor. Acredito que essa tradução comentada pode enriquecer os estudos da tradução, agregando as discussões com recorte de gênero.

Sobre a autora e obra

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, nasceu na capital da França em 1908 e faleceu ali mesmo em 1986. Beauvoir foi escritora e filósofa, considerada uma das maiores representantes do existencialismo em seu país. Feminista, publicou, em 1949, a obra que é considerada por muitos a sua maior, tendo repercussão internacional e sendo censurado em alguns países. O segundo sexo, obra que inicialmente não foi pensada como feminista, mas sim com uma discussão existencialista, se tornou uma das obras fundamentais nos estudos feministas. Apresentada em dois volumes, aborda a estrutura de opressão sobre as mulheres e como homens e mulheres vivem de formas diferentes em sociedade (MOREIRA, 2017; CANDIANI, 2021; FRAZÃO, 2021). O conceito de masculino e feminino, segundo Simone de Beauvoir, não é algo inerente ao ser humano, mas criado socialmente, “[...] basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes [...]” (BEAUVOIR, 2016a, p. 10), posto isto, são as vivências de cada indivíduo que o constroem, e não uma predeterminação biológica, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016b, p. 11).

Pergunta de pesquisa

Durante o processo de tradução do recorte d’*O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, uma das características que mais me chamou atenção foi a marcação de gênero frequente no texto, algo que é comum em muitas línguas orais como o português por exemplo, língua do texto fonte. Essa marcação de gênero está presente no texto de Beauvoir em forma de artigos,

peças do discurso, substantivos e adjetivos, como: mulher, fêmea, feminino, homem, masculino.

Porém, nos discursos em Libras, essa mesma marcação não é tão frequente. Na Libras, geralmente, usamos gêneros neutros, com apontamento (PIZZIO *et al.*, 2009). Em se tratando de tradução ou interpretação, fazemos a omissão do gênero, usando geralmente datilologia/sinal/apontamento. Mas não era possível usar isso em minha tradução, pois o tema do texto era justamente as relações sociais dos gêneros (masculino/feminino). Surgindo então a pergunta: quais as estratégias adotadas no trabalho tradutório de texto dos estudos feministas para Libras?

Objetivo geral

Apresentar as estratégias de tradução utilizadas para solução de problemas ao longo do desenvolvimento da tradução.

Objetivos específicos

- Analisar criticamente a tradução do trecho da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, para Libras;
- Comentar a compensação dos aspectos estilísticos do texto original na tradução para Libras; e
- Identificar os marcadores de gênero adotados na tradução.

Estrutura do trabalho

Objetivando analisar o processo tradutório e apresentar os achados desta pesquisa, o presente trabalho foi organizado em cinco momentos, sendo o primeiro a introdução, com uma breve contextualização dos caminhos que me trouxeram até esta tradução comentada, justificativa da pesquisa, apresentação da autora do texto fruto da tradução, questão norteadora e objetivos. O primeiro capítulo traz teorias que direcionam este trabalho, como a teoria funcionalista, e procedimentos técnicos de tradução, abordando ainda o gênero tradução comentada. Em seguida, no segundo capítulo, apresento os percursos metodológicos da presente pesquisa, compreendendo o projeto que me proporcionou ter acesso a essa atividade

tradutória e os motivos da seleção do trecho da obra “O segundo sexo” para este trabalho, bem como o processo de estudo e preparação da tradução, além de critérios de análise. No capítulo três, analiso o contexto em que essa tradução está situada, estratégias tomadas na tradução e marcadores de gênero nas línguas envolvidas. Concluimos com as considerações finais.

1 SOBRE TRADUÇÃO

1.1 Tradução Funcionalista

Segundo Stervid (2020), a pesquisa acadêmica em tradução se valeu inicialmente dos procedimentos metodológicos da linguística estrutural na busca de se moldar às exigências da pesquisa científica. Os aspectos extralinguísticos geralmente não eram levados em consideração na tradução literária, visto que seu principal parâmetro era o texto fonte, “assim, as análises de traduções se limitavam, predominantemente, a detectar seus defeitos e reafirmar a supremacia do texto original” (STERVID, 2020, p. 2).

Por décadas, a tradução foi percebida como uma relação palavra/tradução fiel em contraponto a forma/tradução livre, tornando-se assim o foco principal das pesquisas e critério de atuação interpretativa e tradutória. Surge, a partir de 1970, um novo viés de pesquisa, nascendo em oposição às noções anteriores de tradução, o funcionalismo se consolida nas décadas seguintes. Desse modo, decorre uma ruptura com os estudos linguísticos e com teorias tradicionais que demonstram mais interesse na tradução “fiel” ao texto fonte que ao texto alvo e sua recepção (POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008).

A partir de então, temos o evento conhecido como “virada cultural”, ocorrendo quando teóricos de duas vertentes dos estudos da tradução (os estudos descritivos e o funcionalismo) começam a refletir uma nova perspectiva da tradução pela ótica da língua e cultura de recepção da tradução, forçando assim a mudança de um “olhar retrospectivo”, que busca a equivalência tradutória, para um “olhar prospectivo” voltado às convenções da cultura receptora (AZENHA JUNIOR, 2010; STERVID, 2020).

Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord foram nomes de grande relevância nas primeiras discussões sobre o funcionalismo, suas teorias são discutidas desde então. Reiss traz a importância de levar em consideração na tradução tanto aspectos intralinguísticos quanto extralinguísticos e entender a importância do texto traduzido para além de equivalência por estruturas linguísticas (POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008).

Em seguida temos Vermeer (1996 *apud* POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008) com sua grande contribuição para o funcionalismo, que se configura como a teoria do escopo, também nomeada por *Skopostheorie*, que coloca o texto traduzido em destaque, entendendo que a língua não se dissocia da cultura; conseqüentemente, os conhecimentos do tradutor devem

estar para além da língua, pois conhecer a cultura para a qual se traduz é essencial à performance do tradutor. O teórico ainda salienta que não existe uma única e absoluta possibilidade de tradução, visto que tanto o texto original quanto o traduzido são relativos, não sendo fragmentos isolados isentos de seu contexto extralinguístico, pois toda tradução depende de sua finalidade (POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008; STERVID, 2020;).

Por fim, Nord (1997 *apud* POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008) traz o ponto de equilíbrio entre os teóricos anteriores, não mais colocando o texto traduzido e o texto original em lados opostos, a autora compreende a importância dos aspectos intralinguísticos e extralinguísticos, e do diálogo horizontal constante entre os textos. Para Nord, a ideia de equivalência linguística pode limitar a prática tradutória e não deve mais ser considerada como critério para escolhas metodológicas dentro do funcionalismo. Segundo a autora, o funcionalismo se concentra no propósito do texto, seja esse uma tradução ou não. Esse propósito pode se diferenciar do texto original para sua tradução, dado que o texto traduzido foi readequado para o contexto de recepção considerando as diferentes culturas e situações comunicativas envolvidas. Logo, serão essas especificidades que delimitarão o *modus operandi* do tradutor ou da tradutora, “nesse sentido, o tradutor deve ser não só bilíngue como também bicultural” (POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008, p. 66).

Nord ainda traz uma definição de tradução como comunicação intercultural (*apud* POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008), entendendo que “o propósito da tradução é o que determina os métodos e estratégias a serem empregadas para se produzir um resultado funcionalmente adequado, isto é, que comunique sem descaracterizar os textos como original e tradução” (POLCHLOPEK; ZIPSER, 2008, p. 61). Para a teoria funcionalista, é essencial que o texto traduzido possua um propósito, conseguindo ser comunicativo apesar de entraves culturais e linguísticos.

Como mencionado anteriormente, o *modus operandi* do tradutor ou da tradutora no processo da tradução pode se manifestar em diversas escolhas. Essas escolhas ou procedimentos tradutórios são classificadas por Heloisa Barbosa (1990) de acordo com dificuldade da tradução, levando em conta a proximidade das línguas. Veremos mais sobre essas estratégias do fazer tradutório a seguir.

1.2 Procedimentos Técnicos da Tradução

Heloisa Barbosa propõe, em 1990, uma recategorização e reorganização dos procedimentos técnicos da tradução que fora proposto por Vinay e Darbelnet (1977), Nida (1964), Catford (1965), Vázquez-Ayora (1977) e Newmark (1981). Nesse trabalho, Barbosa propõe duas categorizações para os treze procedimentos compilados dos autores supracitados, sendo, primeiro, a frequência com que são utilizados esses procedimentos em seu corpus de pesquisa e, segundo, a convergência ou divergência linguística e extralinguística da língua do texto de partida com a língua do texto de chegada. Sendo assim, a maior proximidade entre as línguas envolvidas acarreta a escolha por procedimentos mais simples, conseqüentemente, quanto mais distantes ou divergentes as línguas, mais complexos serão os procedimentos utilizados.

Esses procedimentos abordados por Barbosa foram dispostos, na segunda proposta de organização, em quatro eixos, seguindo como base o “paralelismo estrutural e paralelismo extralinguístico entre LO e a LT”¹ (BARBOSA, 1990, p. 91). Posto isto, a autora defende o modelo em que os procedimentos são arranjados da seguinte forma: “1) convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo; 2) divergência do sistema linguístico; 3) divergência do estilo; 4) divergência da realidade extralinguística” (BARBOSA, 1990, p. 92). O primeiro eixo compreende a tradução palavra-por-palavra e a tradução literal; já o segundo, a transposição, a modulação e a equivalência; o terceiro, e em qual essa pesquisa focará, engloba a omissão versus explicitação, compensação, reconstrução de períodos e melhorias; e, por último, temos a transferência, transferência com explicação, decalque, explicação e adaptação.

A presente pesquisa se concentra no eixo divergência de estilo, trazendo, dentre outras, a omissão como uma estratégia, na qual a tradutora retira informações que considerar prescindíveis ou redundantes (BARBOSA, 1990). Na tradução do português para Libras, por exemplo, isso ocorre nas marcações de gênero dos pronomes pessoais, já que esses pronomes, em Libras, são produzidos em forma de apontação, sendo comumente usados de maneira neutra (PIZZIO *et al.*, 2009). Já na direção Libras para português, esse processo inverso seria o de explicitação.

¹ LO: Língua original (do texto); LT: Língua traduzida (do texto traduzido).

Outro procedimento desse eixo é a compensação. Para Barbosa (1990), caso não seja possível reproduzir um recurso estilístico presente em um período do texto de partida no mesmo período no texto de chegada, a compensação pode ser feita em outro trecho do texto, a fim de “equilibrar o texto estilisticamente”.

Ainda nesse mesmo eixo, temos a reconstrução de períodos, que “consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do original ao passá-los para a LT” (BARBOSA, 1990, p. 70). Esse procedimento pode ser adotado no rearranjo de grandes períodos no português, em períodos mais curtos para Libras, bem como condensar períodos que trazem a mesma ideia em apenas um, evitando a redundância. Santiago (2012) traz o exemplo da pergunta retórica em Libras, comumente usada nas traduções de orações subordinadas do português.

Por último, expomos o procedimento de melhorias, que, segundo a autora, “consiste em não se repetir na tradução os erros de fato ou outros tipos de erros cometidos” no texto original (BARBOSA, 1990, p. 70). Erro esse podendo ser de ordem gramatical, de coerência ou coesão. Também erros mais simples relacionados a datas, horários ou números. Em Libras, é muito comum ver intérpretes usarem essa estratégia quando o orador erra o uso de alguma nomenclatura relacionada à categoria de profissionais ou à comunidade surda (SANTIAGO, 2012).

1.3 Tradução comentada

Como exposto anteriormente, os processos que envolvem uma tradução são complexos e sistêmicos, se mostrando portanto indispensáveis à reflexão sobre o fazer tradutório, o que, para Torres (2017, p. 15) é a própria “essência da filosofia da tradução”. Nesse sentido, temos a tradução comentada enquanto gênero textual acadêmico que consiste em descrever o processo tradutório, por meio de comentários anotados antes, durante e depois da laboração. Ainda segundo a autora, “Traduzir e comentar [...] não são duas ações tão distintas, pois podem ser intercambiáveis. [...] fala-se às vezes de tradução de um texto para assinalar um comentário e, ao contrário, algumas traduções são verdadeiros comentários” (TORRES, 2017, p. 16).

Albres (2020) aborda, a partir da perspectiva da linguagem, a tradução comentada e sua “dupla atividade”, primeiramente pela tradução propriamente dita e posteriormente com o “[...] uso da linguagem por uma metalinguagem para explicar esse acontecimento, uma forma

de exteriorizar como a mente humana consegue resgatar de forma consciente o processo da tradução”. (ALBRES, 2020, p. 72).

Para Williams e Chesterman (2002 *apud* ALBRES, 2020), a tradução comentada é percebida enquanto campo de estudo tal como método de pesquisa. Podendo ser classificada como estudo de caso (ÁLVAREZ, 2007 *apud* ALBRES, 2020), sendo um gênero que cresce cada vez mais nos Estudos da Tradução (ET) e nos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (Etils), e, apesar de muito frequente, ainda é pouco discutido na esfera acadêmica e segue em construção (ALBRES, 2020; ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015).

Albres (2020, p. 87) conclui, com sua pesquisa sobre tradução comentada nas línguas de sinais, que uma das configurações possíveis do gênero se dá como “uma atividade didática a fim de se ensinar tradução”, estando diretamente ligada à formação de tradutores e tradutoras de mesmo modo que pesquisadores e pesquisadoras dos ET. Concordando com a autora, Rossi afirma:

Refletir sobre o processo de tradução é uma prática eficiente de aprender, pois permite uma análise das escolhas tradutórias, das motivações para tal, dos fatores que interferiram no processo, enfim, auxiliar para que o estudante ou profissional da área pense sobre sua atuação. Também que o estudante observe quais aspectos podem interferir na sua formação profissional. Muitas vezes nos atentamos mais ao produto final do que ao processo de construção do material, o que nos faz esquecer que, no percurso de elaboração do mesmo, equívocos possam ser revistos a partir de uma perspectiva de futuros ajustes e não de mera crítica. (ROSSI, 2018, p. 31).

Concordando com Rossi (2018) e Albres (2020), a presente pesquisa reconhece a relevância da tradução comentada no processo de formação de profissionais da tradução, dado que, historicamente, profissionais que atuam com tradução de/para Libras exercem suas funções antes mesmo de uma formação adequada. Nas últimas décadas, com o advento da legislação voltada para a garantia de direitos das pessoas surdas, cursos de formação em nível médio e superior têm se tornado cada vez mais requeridos, tornando-se crescentes discussões e reflexões acerca do fazer tradutório. Sendo assim, a tradução comentada é um exercício que possibilita colocar a teoria em prática, nos desenvolvendo à medida que refletimos sobre as escolhas satisfatórias e não satisfatórias.

Esta pesquisa, enquanto tradução comentada, se mostra relevante nos estudos da tradução por trazer os caminhos que foram seguidos até as tomadas de decisão durante o processo de feitura, bem como os porquês dessas escolhas, e como se deu o processo de

reflexão do impacto que o texto traduzido causaria no público de chegada, justamente por se mostrar um texto não conhecido amplamente na comunidade surda.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa traz uma abordagem qualitativa, pois objetiva compreender e aprofundar os aspectos da tradução do trecho da obra “O segundo sexo”. Enquanto tradução comentada, uma das características dessa abordagem é a pesquisadora assumir-se como objeto de sua pesquisa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Buscando a construção de conhecimento voltada para a aplicação prática dos Estudos da Tradução, este relato de experiência constitui-se como de natureza aplicada, bem como descritiva, dado que procura identificar e descrever as estratégias empregadas durante o processo. A seguir iremos entender os caminhos percorridos nesta pesquisa.

2.1 Uma breve contextualização

Como abordado na introdução deste trabalho, a tradução de trecho da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, se deu por intermédio de uma demanda de tradução da apostila do curso de extensão “Transpassando as Barreiras do Silêncio: Surdez e Gênero em questão”, da Universidade Estadual do Ceará. Instituição criada pelo Decreto nº 11.233, de 10 de março de 1975, foi fundada inicialmente, em 1973, por meio da Lei estadual nº9.753, na época Fundação Educacional do Estado do Ceará (FUNEDUCE). Hoje a UECE tem aproximadamente 34 mil (números de 2019) estudantes na graduação e na pós-graduação, *lato sensu e stricto sensu*, contando com diversos *campi* pelo estado do Ceará, como Crateús, Itapipoca, Tauá, Limoeiro do Norte, Pacoti, Guaiúba, Mombaça, Iguatu e Quixadá; e, na capital, temos dois campi, em Fátima e Itaperi, sendo o último, local onde a tradução desta pesquisa foi desenvolvida (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2021).

A Universidade conta ainda com inúmeros projetos de extensão, dentre eles o coletivo TransPassando. Fundado em 2016, com o objetivo de fomentar a ocupação dos espaços universitários por pessoas transgêneras e travestis, o projeto traz vários cursos voltados para a formação de pessoas trans. O curso “Transpassando as Barreiras do Silêncio: Surdez e Gênero em Questão”, desenvolvido em 2019.2, tenta trazer a discussão sobre gênero, sexualidade e surdez e seus atravessamentos. Com o convite à comunidade surda para se fazer presente nesse diálogo, tivemos um número significativo de diferentes pessoas surdas inscritas no projeto, infelizmente nem todas continuaram até a conclusão do curso.

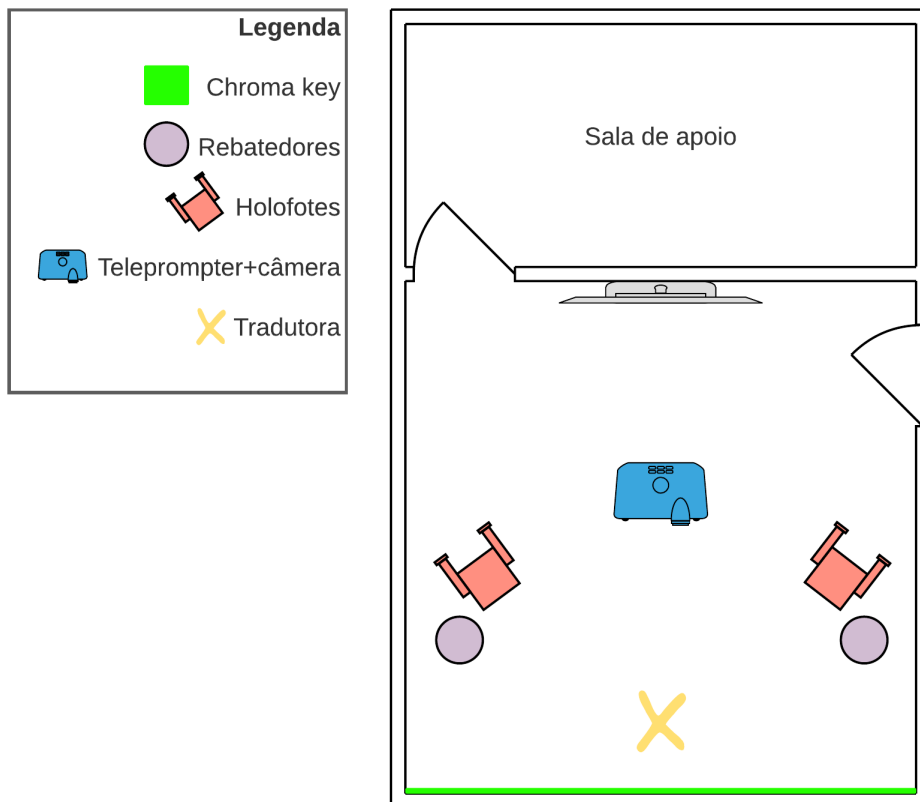
Objetivando trazer a comunidade surda para esse debate, o projeto de extensão solicitou ao Núcleo de Libras da UECE - Nel que intérpretes acompanhassem todo o curso, tanto nos encontros presenciais como na tradução de materiais. Inicialmente contamos com a parceria da Central de Intérpretes de Libras - Cil nas interpretações dos encontros, e com duas tradutoras colaboradoras. Posteriormente a demanda passou a ser de nossa responsabilidade de forma integral.

Na ocasião, a equipe de tradutoras da UECE era formada por duas profissionais, dessa forma, os textos foram divididos por eixos temáticos da apostila. O texto de Simone de Beauvoir, sendo o segundo do eixo sobre gênero e sexualidade, ficou designado a mim, culminando no material de análise desta pesquisa.

Com uma equipe de tradução incompatível em números com uma universidade tão grande e bem colocada nacional e internacionalmente, os prazos sempre eram curtos, pois outras demandas da instituição surgiam. As filmagens aconteciam no estúdio da Secretaria de Apoio às Tecnologias Educacionais - SATE, mesmo estúdio em que o material dos cursos e disciplinas do EaD era produzido, por essa razão, a agenda disponível para as filmagens das traduções era bem restrita. Com o curso já em andamento, a necessidade de entregar o produto em vídeo dessa apostila se mostrou primordial. Dadas essas condições de trabalho, o tempo para estudo do material, tradução e filmagem dos quatro textos foi por demais reduzido, impossibilitando o retorno para filmagem de novas versões de tradução, caso a primeira não fosse satisfatória.

A forma de registro da tradução se deu por meio de glosas elaboradas por mim, as quais seriam lidas no momento da filmagem, uma vez que o estúdio contava com equipamentos como teleprompter (programa e modelo Lumipro), que possibilita uma leitura dinâmica e visualmente natural, já que esse equipamento fica acoplado à câmera (modelo Panasonic AG-HMC150P). O estúdio ainda dispunha de um monitor de retorno, que auxiliou na visualização da sinalização, *chroma key*, dois rebatedores e dois holofotes que ficavam nas diagonais do ponto central em que a câmera focava, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 - Mapa do estúdio



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A equipe da SATE que acompanhou as filmagens era composta por duas pessoas que realizavam todo o suporte técnico de configuração da filmadora, ajustes na iluminação e regulação da velocidade que o texto passava no teleprompter. Por se tratar de um projeto de extensão, a edição do material não foi solicitada à SATE, ficando sob responsabilidade de parceiros do Transpassando. A edição seria feita apenas com a presença da tradutora autora de cada texto, o que não foi possível dada a atual conjuntura de pandemia da Covid-19. Por ainda não ter passado pelo processo de edição, esse material ainda não está disponível para a comunidade, desse modo, uma solicitação foi feita ao coletivo Transpassando para que a tradução fosse cedida para esta pesquisa. O coletivo gentilmente concedeu o acesso ao material ainda cru, que passou por um processo de cortes, pois a filmagem foi feita de forma corrida, sendo assim necessária a retirada de espaços e repetições na sinalização. O vídeo não passou por tratamento de imagem. (Figura 2).

Nos momentos de filmagem da tradução não era possível às duas tradutoras estarem presentes no estúdio por conta da agenda de demandas, a falta de apoio dificultou a

sinalização de alguns trechos que não ficavam claros pela glosa², que por vezes ficava ambígua em relação a sinais, visto que esse tipo de notação apresenta limitações por se tratar da escrita na estrutura de uma língua diferente da sinalizada.

Figura 2 - *Frame* do vídeo



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

2.2 Sobre a tradução

Durante a preparação para a tradução, algumas questões da obra existencialista “O Segundo Sexo” de Beauvoir, não foram compreendidas nas leituras iniciais, sendo necessária a solicitação de assistência do professor responsável pelo curso “Transpassando as Barreiras do Silêncio: Surdez e Gênero em questão”. Na qualidade de mestre em filosofia, seu auxílio no entendimento do texto foi crucial para o processo de compreensão e tradução do texto. Essa parceria se estendeu desde o estudo do material a escolhas terminológicas.

Como ressaltado anteriormente, a intenção da tradução era um texto que se apresentasse funcional ao seu público alvo e contexto de aplicação. Consequentemente, não tínhamos a preocupação em dar conta de sinais específicos do feminismo ou da filosofia, pois o público alvo certamente não era especializado nessas discussões, e, como bem sabemos, nem todos os sinais de uma determinada região do país ou área do conhecimento são conhecidas por toda a comunidade surda, sendo equivocada a pressuposição de que tais sinais seriam compreendidos com facilidade.

² Para Quadros e Souza (2008, p. 188-189), glosa pode ser definida como um “texto na estrutura da Língua de Sinais com palavras do Português”, ferramenta utilizada para apoiar a memória da tradução sinalizada.

Sendo assim, nossa atenção se voltou para os usos e aplicabilidades dos sinais “comuns” do dia a dia e quais seriam mais adequados a cada colocação feita pela autora. O professor detinha um conhecimento básico de Libras, por já ter feito vários cursos e demonstrava apreço pela língua, isso somado a seu conhecimento da filosofia enriqueceu as discussões acerca da tradução. Enquanto tradutora, apresentava sinais que poderiam ser aplicados em vários contextos (alguns desconhecidos pela equipe de apoio), exemplificando seus diferentes usos e significados.

Simultaneamente, consultas a colegas tradutoras foram feitas. Apesar de aberta às sugestões propostas por colegas e pela equipe do TransPassando, que acompanhava a tradução do material, as tomadas de decisão eram minhas, pois, mesmo trabalhando com suporte, eu continuava sendo a única tradutora a “colocar a mão na massa”. Falaremos mais sobre essas decisões tomadas na sessão de análise de dados.

Além do professor, seu assistente também auxiliou durante todo o processo de tradução. Nos dias de gravação, a equipe se revezava para que um deles estivesse presente para coletar o material da tradução por meio de um pendrive, bem como auxiliar as tradutoras em questões técnicas. Todas da equipe tinham ao menos um conhecimento básico da Libras, fazendo com que, em certo momento, isso se tornasse uma útil ferramenta durante as filmagens.

No dia da gravação da tradução do texto “O segundo sexo”, o professor do curso não pôde estar presente, então o seu assistente veio acompanhar. Como dito acima, não tínhamos apoio nas filmagens, o que dificultava a sinalização em alguns momentos. Apesar de muito treino, alguns trechos insistiam em se esvaír da minha mente. Um sinal que estava dentro de uma listagem não fixava. Sabendo disso, uma estratégia adotada foi combinar com o assistente do projeto de fazer um sinal em dado momento, como uma espécie de apoio, e assim foi feito. Ao fim da filmagem, o material foi entregue ao responsável do curso para edição e disponibilização do material.

2.3 Por que “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir?

Durante todo o processo, fui sentindo a responsabilidade dessa obra e do significado dessa tradução, ela era uma ação política. O texto em si é intrigante demais, e me reconheci a cada linha dele. As reflexões e posicionamentos da autora são por demais atuais, mesmo sua

primeira edição tendo sido publicada em 1949. Essa tradução foi muito importante para mim enquanto mulher que reflete sobre as desigualdades de gênero da nossa sociedade, me senti totalmente imbuída em suas falas. Trabalhar com uma autora clássica do movimento feminista foi um marco na minha carreira. Durante todo o processo, nas reuniões de estudo do texto, as decisões tomadas foram, na medida do possível, conscientes e reformuladas quantas vezes fossem necessárias. Isso fez com que essa tradução fosse custosa e gratificante para mim.

A partir disso, soube que queria analisar essa tradução, queria explorá-la, queria levá-la adiante e escrever sobre ela, mas ainda não tinha planos para um trabalho específico. Meu projeto de pesquisa inicial passava por temáticas muito distintas e, na verdade, a ideia de trabalhar com essa tradução nesse TCC surgiu de sugestões de colegas. A partir disso enxerguei essa obra como possibilidade para minha pesquisa. A urgente necessidade de pensar em traduções que abordam questões de gênero e a inquietação em querer levar para a sociedade um fruto da minha formação através desta pesquisa tornaram clara a minha decisão por esse texto.

Vindo de uma criação que abomina o feminismo e toda forma de insurgência feminina, que equipara o feminismo ao machismo, mas que os julga com dois pesos e duas medidas, percebo que, como fruto de uma sociedade com estrutura patriarcal, grande parte da sociedade pensa assim e dissemina mitos e inverdades sobre o movimento que foi e é responsável pela conquista de direitos das mulheres. Pois nada nos foi dado de bom grado, chegamos até aqui com muita luta, lágrimas, suor e sangue de tantas que não estão aqui para ver os frutos de suas batalhas.

Se conhecimento é poder, o acesso à informação é o caminho. Em uma sociedade em que a informação ainda é privilégio para ouvintes, que se dirá para pessoas surdas? Essa chega de forma defasada e fragmentada à comunidade surda. Por isso, minha escolha foi trabalhar com essa obra e refletir sobre os processos tradutórios que se deram. Trago duas grandes autoras dos estudos da tradução para nortear minha pesquisa: falando sobre procedimentos técnicos da tradução, temos Heloisa Barbosa; e, sobre funcionalismo, Christiane Nord, pupila de Katharina Reiss, precursora dessa teoria.

2.4 Critérios de análise

O texto de Simone de Beauvoir aborda a existência de categorias que agrupam indivíduos com certas características e apresentam uma série de comportamentos, que são analisados pela autora em suas relações de poder. Essas categorias trazem o conceito de homem x mulher, bom x mau, ordem x caos e luz x trevas (PITÁGORAS *apud* BEAUVOIR, 2016a). Como de se esperar, o texto vem carregado de marcadores de gênero, fator importante para a análise de dados dessa pesquisa, levando em consideração que, na Libras, esses marcadores de gênero não se apresentam de forma latente como nas línguas orais envolvidas nesse texto.

Na Libras, podemos perceber que geralmente os marcadores de gênero são usados de forma neutra, salvo momentos em que os sinais específicos (homem/mulher) para gêneros são requeridos (PIZZIO *et al.*, 2009). Assim, foi gerado um contraste na tradução sinalizada, visto que esses marcadores de gênero precisavam ser constantemente apresentados para que a função comunicativa do texto fosse clara, pois a relação antagônica da obra perpassa por gênero.

Na busca por solucionar a pergunta “quais as estratégias adotadas no trabalho tradutório de texto dos estudos feministas para Libras?”, foram propostos alguns caminhos que serão apresentados a seguir.

A obra analisada nesta pesquisa teve sua primeira publicação em 1949. Desde então, muita coisa mudou, mas as reflexões pontuadas por Beauvoir continuam tão atuais quanto no ano de sua estreia. Diante disso, trago, como o primeiro objetivo específico desta pesquisa, o intuito de analisar criticamente o contexto da tradução do trecho da obra “O segundo sexo” para Libras. Ao fazermos um paralelo entre a realidade em que a obra foi escrita e a realidade da tradução, percebemos que, mesmo após 72 anos de sua publicação, permanecem as relações de poder que oprimem mulheres. A obra de Beauvoir traz a discussão sobre gênero que está totalmente imbricada a tempo, cultura, religião e regime político, nos levando a refletir sobre o feminino e o masculino, e como essas relações influenciam o funcionamento das estruturas que regem essa sociedade. Ter isso em vista é essencial para pensar a tradução de uma obra clássica dos estudos feministas.

Como segundo objetivo específico, busco comentar sobre a compensação dos aspectos estilísticos na tradução para Libras, categoria de procedimentos técnicos da tradução que,

segundo Barbosa (1990), agrupa a omissão versus explicitação, compensação, reconstrução de períodos e melhorias. A autora propôs essa categorização considerando a proximidade das línguas envolvidas, percebendo que, conforme as línguas envolvidas são mais próximas, as escolhas da tradutora serão por estratégias mais simples, conseqüentemente, quanto mais distantes as línguas são, mais complexos serão os procedimentos estabelecidos na tradução.

Neste trabalho, não serão analisados os 13 procedimentos que a autora propõe, a atenção se voltará apenas aos do eixo divergência de estilo, esse grupo de procedimentos técnicos foi selecionado por ser percebida a relação de aplicabilidade com a tradução. No texto do trecho da “O segundo sexo”, é possível perceber a possibilidade de condensação de algumas informações que podem parecer repetitivas em Libras, para evitar que isso aconteça, a omissão foi utilizada em alguns momentos da tradução. Essa estratégia pode ser adotada quando uma informação é dita mais de uma vez durante o texto, sem que sua presença repetitiva seja vital. Esse procedimento foi frequentemente utilizado em conjunto com a reconstrução de períodos, que será mencionado logo mais a seguir.

Em contraponto à omissão, temos a explicitação, que se apresenta como o processo inverso ao de retirada de informações repetitivas. Nesta tradução, esse procedimento foi utilizado com frequência para pronomes e substantivos referentes a gênero, pois, como abordado anteriormente, em Libras, geralmente há a neutralidade de gêneros nos discursos, posto que, diferente do português, não é possível acrescentar um morfema para marcação de gênero. Para evitar a confusão do leitor com os gêneros das pessoas do discurso, busquei revezar entre omitir e explicitar, lembrando ao leitor em alguns momentos que “homem” era sinalizado à minha direita no espaço neutro e “mulher” no espaço neutro à minha esquerda, utilizando deixes e omitindo esses sinais (homem/mulher) em outros momentos.

Outro procedimento desse eixo é a compensação. Para Barbosa (1990), caso não seja possível reproduzir um recurso estilístico presente em um período do texto de partida no mesmo período no texto de chegada, a compensação pode ser feita em outro trecho do texto, a fim de “equilibrar o texto estilisticamente”.

_____A reconstrução de períodos foi uma grande aliada dessa tradução, dado que, em alguns momentos, seguir a mesma estrutura do texto em português na Libras se mostrava ineficiente, seja por um período demasiado extenso ou por períodos de conteúdo semelhantes que estavam separados. Neste segundo caso, a reconstrução de períodos era associada à

condensação semântica. Barbosa (1990, p. 70) explica que a reconstrução de períodos “consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do original ao passá-los para a LT”.

Encerrando essa parte, expomos o procedimento de melhorias, que, segundo a autora, “consiste em não se repetir na tradução os erros de fato ou outros tipos de erros cometidos” no texto original (BARBOSA, 1990, p. 70). Erros que podem ser de ordem gramatical, de coerência e coesão ou erros mais simples relacionados a datas, horários ou números.

Por fim, no terceiro objetivo específico, me proponho a identificar os marcadores de gênero adotados nesta tradução. Durante o processo de tradução do trecho da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, uma das características que mais me intrigou foi a marcação de gênero frequente no texto, algo que é comum em muitas línguas orais, como o português, por exemplo, língua em que o texto original foi produzido. Essas marcações de gênero são características comuns nos discursos em português, presente no texto de Beauvoir em forma de artigos, pessoas do discurso, substantivos e adjetivos, como: mulher, fêmea, feminino, homem, macho, masculino. Ao me deparar com o substantivo “fêmea”, entendi que o sinal de “mulher” não comunicava como deveria, diante disso, consultei colegas, e fiz pesquisas na internet, mas, para minha estranheza, as únicas respostas que encontrei foram “ANIMAL+MULHER”, “MULHER”, “F-Ê-M-E-A” (datilologia) ou ainda “ESPÉCIE ESPECÍFICA MULHER” — o mesmo para “macho”. Me encontrei em um dilema, por não pretender usar nenhuma dessas formas de expressar o termo “fêmea”, a falta de um sinal específico foi de certa modo prejudicial e a estratégia de explicitação não se mostrava oportuna.

Em Libras, a marcação de gênero não é frequente, geralmente, nos discursos, os gêneros são neutros, em se tratando de pronomes, são apontamentos (PIZZIO *et al.*, 2009). Portanto, em um discurso comum, os pronomes ele/ela e eles/elas são apresentados da mesma forma. Mas não era possível deixar essa informação no campo da suposição, pois o tema do texto era justamente as relações sociais entre os gêneros (masculino/feminino). Então, como mencionado anteriormente, foi feito o revezamento entre a omissão e a explicitação de gênero, o mesmo ocorreu com substantivos.

O termo “feminino” foi, da mesma forma, um desafio, pois, em Libras, “mulher”, “fêmea”, “feminino”, “moça”, dentre outros, passam pelo sinal generalista “mulher”. Porém, o termo passa por características que vão além dessa associação, sendo inclusive associada a

características de homens (afeminado). Por não ter um sinal específico, o sinal atribuído a esse termo foi dependente do contexto.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme exposto na seção de procedimentos metodológicos, esta tradução comentada se propõe a analisar a tradução para Libras do trecho da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, da apostila do curso “Transpassando as Barreiras do Silêncio: Surdez e Gênero em questão”, do projeto de extensão da Universidade Estadual do Ceará, TransPassando. A análise se dará em três momentos, no primeiro será realizada uma análise crítica da tradução, levando em consideração as relações sociais em que esse texto se insere. No segundo momento, comentarei sobre os procedimentos técnicos achados, frisando os aspectos estilísticos do texto fonte e do texto traduzido (BARBOSA, 1990). Por fim, busco identificar os marcadores de gênero presentes nos textos envolvidos, apresentando suas diferentes formas de manifestação conforme cada língua.

3.1 Análise Crítica

Durante o processo tradutório, algumas questões me chamaram atenção, principalmente como as línguas envolvidas percebem a realidade e a expressam. O texto que traduzi é também uma tradução, foi trazido por Sérgio Milliet, do Francês para Português. A Língua, sendo uma convenção social, está imbuída de diversos atravessamentos, temporais, culturais e religiosos, bem como as relações de gênero, em uma determinada sociedade, são importantes marcadores.

Simone de Beauvoir aborda, em “O segundo sexo”, a existência de duas categorias que agrupam indivíduos com certas características biológicas semelhantes e apresentam uma série de comportamentos, que são analisados pela autora em suas relações de poder. Essas categorias trazem a representação de homem x mulher, bom x mau, ordem x caos e luz x trevas (PITÁGORAS *apud* BEAUVOIR, 2016a).

A realidade em que essa obra foi escrita era bem diferente da que nos encontramos hoje em 2021, e de 2019, ano em que a tradução foi realizada, por isso tendemos a fazer uma comparação histórica dos exemplos abordados pela autora. Porém, durante essa reflexão, podemos perceber que muitas questões colocadas por Beauvoir permanecem no presente, homens continuam tomando uma posição de superioridade em relação às mulheres, desse modo, a análise da autora continua tão atual quanto em 1949.

Segundo o historiador Hubert Wolf (2006), a obra de Beauvoir entrou para o índice de aproximadamente 8 mil livros proibidos pelo Vaticano, ficando o questionamento sobre o porquê dessa instituição religiosa censurar a obra. Podemos supor algumas respostas para essa pergunta, começando pelo fato de, para a igreja, uma mulher representar um ser secundário ao homem, como podemos constatar em 1 Timóteo 2: 11-15:

11. As mulheres devem ouvir e aprender em silêncio e com toda a sujeição
12. Não permito que as mulheres ensinem aos homens ou tenham autoridade sobre eles. Que elas fiquem caladas nas reuniões da igreja.
13. Por quê? Porque primeiro Deus fez Adão, e depois é que fez Eva.
14. E não foi Adão quem foi enganado por Satanás, mas sim Eva, e o resultado foi o pecado.
15. Portanto Deus mandou a dor e o sofrimento para as mulheres quando nascem seus filhos, porém Ele salvará suas almas se elas confiarem nEle e levarem uma vida calma, boa e cheia de amor. (1 Timóteo 2: 11-15). (BÍBLIA, 2010).

Existe um ditado popular muito usado para silenciar falas de uma pessoa, “Fique calada, porque mesmo calada você ainda está errada.” (BEAUVOIR, 2016b). Como dialogar com quem lhe vê como errada mesmo sem nenhuma palavra dita e que acredita que seu único objetivo de vida deve ser o reprodutivo? Uma obra como a de Beauvoir, que faz refletir sobre o lugar desse sujeito intitulado mulher na sociedade e que se coloca igualmente capaz e intelectual ao outro, é de fato um atentado contra a “fé”, pois vai contra a passagem citada acima, de um livro que rege a religião e que é tido por ela como verdade absoluta imutável. Outra questão que podemos encontrar é a relação de binaridade: em Efésios 4: 22-24, fala-se à mulher para ser submissa a seu marido em tudo, enquanto Beauvoir contesta o conceito do feminino dizendo que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, e “se hoje não há mais feminilidade, é porque nunca houve” (BEAUVOIR, 2016a).

O cristianismo tem forte influência na organização ocidental, sendo o Brasil um lugar colonizado pela coroa portuguesa, suas estruturas foram compulsoriamente moldadas à ideologia religiosa. Ideologia essa que influencia a constituição e todo o destino do país. O homem toma o poder para si de comandar, e sujeita a mulher ao lugar de subalterna, reservando a ela atividades e modo de vida dito como apropriado. Diante disso, podemos entender porque é tão perigoso aos homens consentir que mulheres se rebelem contra essa estrutura opressora. Pois isso ameaça os privilégios que essa ordenação proporciona. “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, é um texto político que faz refletir sobre as

desigualdades das relações de gênero, logo, sua tradução não poderia seguir outra direção senão acompanhá-lo nessa proposta.

A partir dessa breve reflexão, podemos perceber a dimensão desse texto e entender o motivo dele ter sido selecionado para fazer parte da apostila do curso “Transpassando as Barreiras do Silêncio: Surdez e Gênero em questão”. Discutir gênero é uma urgência e é indispensável fomentar esse debate na comunidade surda.

Atentando não ser possível ter acesso ao público receptor dessa tradução, pensar em uma tradução funcionalista sempre foi um ponto crucial, pois não sabíamos quem seriam as possíveis leitoras e leitores desse texto, então me propus a pensar em uma linguagem acessível. Não tive que readequar o texto ao recorte de tempo, lugar e público, pois seu conteúdo é atual.

3.2 Procedimentos Técnicos (divergência do estilo)

Barbosa propôs, em 1990, duas formas de categorização e organização dos treze procedimentos compilados dos autores Vinay e Darbelnet (1977), Nida (1964), Catford (1965), Vázquez- Ayora (1977) e Newmark (1981). A primeira, pela frequência com que são utilizados esses procedimentos em seu *corpus* de pesquisa, e a segunda considerando a proximidade entre as línguas envolvidas. Esta pesquisa se baseia nesta última forma de organização, categorizando os treze procedimentos em quatro grupos, a saber: convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo; divergência do sistema linguístico; divergência de estilo; e divergência da realidade extralinguística. Segundo a autora, a proximidade estrutural e cultural das línguas interfere diretamente nas escolhas pelos procedimentos mais simples ou mais complexos.

Esta pesquisa se concentra no eixo divergência de estilo, compreendendo a omissão versus explicitação, compensação, reconstrução de períodos e melhorias. Veremos agora os achados na tradução, em vermelho, o texto em português, em verde o destaque dos procedimentos técnicos da tradução e em azul, a glosa para Libras (entre parênteses são expressões não manuais).

3.2.1 Omissão

A omissão consiste em retirar informações que podem ser consideradas repetitivas ou não essenciais, sem prejudicar, porém, o conteúdo ou compreensão do texto. No trecho da tradução analisado a seguir, verificamos a omissão da frase “[...] eliminando assim minha subjetividade.”, por julgar adequado, pois essa informação poderia deixar, na tradução, o trecho confuso, bem como ser redundante, visto que, no período seguinte, a mesma ideia é abordada novamente, como vemos:

Quadro 1 - Trecho 1

Texto em português:

Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “Penso-o porque é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade.

Glosa para Libras:

EU PENSAR (expressão/olhar para cima) DEFESA RESPONDER O QUÊ? (não) MINHA OPINIÃO PORQUE É VERDADE !!

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Uma seguinte omissão é apresentada no período “A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades [...]”. Fala-se da relação de antagonismo social e da categoria “Outro” em dois momentos, na tradução, portanto, foi percebido que essa informação poderia ser condensada e apresentada apenas em um momento, conforme exemplificado a seguir.

Quadro 2 - Trecho 2

Texto em português:

O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e do Outro.

Glosa para Libras:

HOMEM É PESSOA PRINCIPAL, “ELA” OUTRO, MENOR IMPORTANTE, SEGUNDO. JÁ FAZ TEMPO, ATÉ HOJE, TEM SEMPRE DOIS, O PRINCIPAL TAMBÉM “OUTRO” (expressão de desprezo).

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Outro momento omitido que me chamou atenção foi no trecho em que a autora usa o exemplo de habitantes de uma aldeia/país para falar sobre o “Outro”. Em Libras, as duas

ideias podem ser comunicadas na mesma construção. Na tradução, omiti o período “Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são ‘outros’”, mas mantive “suspeitos” ao fim do período traduzido (destacado em azul).

Quadro 3 - Trecho 3

Texto em português:

Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são “outros” e **suspeitos**; **para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados “estrangeiros”**.

Glosa para Libras:

SE PESSOAS PAÍS ESSE, OUTRAS PESSOAS PAÍS DIFERENTE SINAL “OUTRO”, TAMBÉM DESCONFIAR NÃO ACREDITAR.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Por fim, foram encontradas omissões em relação à marcação de gênero em alguns trechos do texto. Como ressaltado anteriormente, na Libras, os pronomes de tratamento e os pronomes pessoais são feitos em forma de apontamento, não marcando gênero e se apresentam de forma neutra. Essa característica da língua influenciou na escolha por omitir, em alguns momentos, essas marcações, optando pelo uso de deixes demarcadas no início do texto. Sendo assim, quando a autora se referia a mulheres, fêmea e feminino, a fala era voltada para minha esquerda, como veremos na série de Figuras 3:

Figura 3 - Omissão do sinal mulher



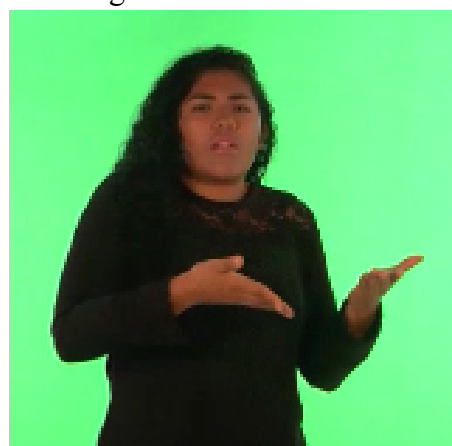
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 3a - Mulher



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 3b - Tratamento



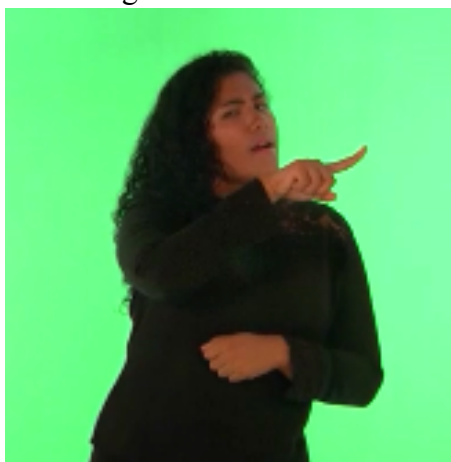
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 3c - Especial



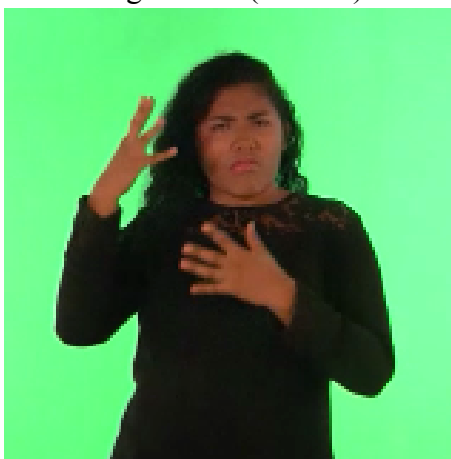
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 3d - “Mulher”



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 3e - (Mulher)



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 3f - Aceitar



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

3.2.2 Explicitação

A explicitação busca evidenciar o que, por vezes, ficou implícito, sendo o processo oposto à omissão. Vejamos a seguir alguns exemplos achados nesta tradução. No trecho 4, vemos que o texto em português fala que homens “também comporta hormônios e testículos”. Em Libras, uma das formas de sinalizar “testículos” é associando ao sinal de “pênis”, sendo assim, a sinalização de “hormônios e testículos” tal qual, poderia não ficar inteligível. Diante disso, o sinal para “pênis” foi acrescentado para melhor compreensão de quem lê.

Outra explicitação é feita, no mesmo parágrafo, quando a autora, ainda tratando sobre corpos, traz a ideia de que o corpo da mulher é considerado “um obstáculo, uma prisão”. Em Libras, o mesmo período foi traduzido como “PARECE DENTRO (corpo) TEM PESADO POR CAUSA CARACTERÍSTICAS PRÓPRIA”, que foi incorporado a “PARECE BARREIRA, PARECE PRISÃO.”

Quadro 4 - Trecho 4

Texto em português:

O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão.

Glosa para Libras:

HOMEM ORGULHO PARECER ESQUECER CORPO TAMBÉM TER HORMÔNIOS, PÊNIS E TESTÍCULO. PENSAR QUE CORPO NO MUNDO RELAÇÃO NORMAL É CARACTERÍSTICA PRÓPRIA DELE SUBJETIVIDADE, MAS CORPO MULHER (expressão de desdém) PARECE DENTRO TEM PESADO POR CAUSA DE CARACTERÍSTICA PRÓPRIA, PARECE BARREIRA, PARECE PRISÃO.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Ainda discutindo corpo, a autora traz uma citação de Bossuet dizendo que Eva foi fruto da extração de um “osso supranumerário”. Em Libras, “OSSO IGUAL VÁRIOS” foi acrescido de “NÃO FAZER FALTA”.

Quadro 5 - Trecho 5

Texto em português:

E o que simboliza a história do Gênese, em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um “osso supranumerário” de Adão.

Glosa para Libras:

TEM HISTÓRIA BÍBLIA GÊNESE, MULHER EVA CRIADA AUTOR FALA “OSSO IGUAL TER VÁRIOS, NÃO FAZER FALTA” DO CORPO DE ADÃO.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Por último, trago o exemplo de explicitação do termo “Outros”, que, em português, é apresentado uma vez no início do período para, então, ser omitido nos demais. Em Libras, essa explicitação foi necessária para a compreensão da categoria central dos exemplos citados por Beauvoir, conforme destacado no trecho 6.

Quadro 6 - Trecho 6

Texto em português:

Os judeus são “outros” para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários.

Glosa para Libras:

OS JUDEUS TAMBÉM CHAMAR “OUTROS” PARA PESSOAS OUTRO PAÍS, OS INDÍGENAS CHAMAR “OUTROS” PELOS COLONIZADORES, PESSOAS TRABALHAR PATRÃO CHAMAR “OUTROS”.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

3.2.3 Reconstrução de períodos

A reconstrução de períodos propõe-se em reorganizar a estrutura do texto fonte no texto traduzido, em seus períodos ou orações. No trecho 7 apresentado adiante, os períodos foram formatados nas cores vermelho, verde, azul e laranja para melhor compreensão de quem lê, dispostas conforme a correspondência dos trechos nos textos. O período “relações biológicas sob forma de sistemas de oposição”, em verde, foi dividido e distribuído: a ideia de “oposição” foi para o início do período (em vermelho) e “relações biológicas sob forma de sistema” foi deslocado para o fim do período.

A frase “a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas”, em azul, também foi dividida: o sentido de “ dualidade, a alternância, a oposição e a simetria” foi para o início do período e “formas definidas ou formas vagas” permaneceu. Veja:

Quadro 7 - Trecho 7

Texto em português:

[o antropólogo] Lévi-Strauss pôde concluir:

A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos a serem explicados que os dados fundamentais e imediatos da realidade sociall.

Glosa para Libras:

O ANTROPÓLOGO L-E-V-I S-T-R-A-U-S-S FALA RESUMO ENCONTRA O QUÊ?

HOMEM SEMPRE PENSAR DOIS, CADA UM SEPARADO DIFERENTE, POR ISSO NATURAL CULTURA, PORQUÊ VÊ SÓ CORPO BIOLOGIA. TEM COMBINA PORQUE HOMEM PENSAR DIFERENTE, SE CERTO OU TANTO FAZ. NÃO PRECISAR EXPLICAR SOBRE BÁSICO ACONTECER, SOCIEDADE (não) PERCEBE DIFERENTE. ELA (sociedade) SIGNIFICA CORPO BIOLÓGICO RESUME.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Da mesma forma, essa reorganização pode ser em nível frasal, como exposto a seguir. Em português, o autor mencionado por Beauvoir vem após a citação. Em Libras, ambas as formas são possíveis, antes ou depois da citação, entretanto, nesse período do texto, outra citação havia se encerrado e essa começava logo em seguida. Para que essa diferenciação das citações ficasse clara, a menção ao autor foi feita antes de sua citação.

Quadro 8 - Trecho 8

Texto em português:

“A mulher, o ser relativo...”, diz Michelet.

Glosa para Libras:

HOMEM M-I-C-H-E-L-E-T FALA MULHER DEPENDER (dele).

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Uma das características da reconstrução de períodos na tradução é o fracionamento de períodos mais extensos em períodos mais curtos. Na tradução do português para Libras, essa estratégia se mostrou bastante eficaz, dado que períodos mais longos tendem a sobrecarregar a memória do interlocutor, tendo em vista a modalidade de produção do texto. A seguir apresento um trecho em português e, posteriormente, a reconstrução em Libras.

Quadro 9 - Trecho 9

Texto em português:

A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e do Outro. A divisão não foi estabelecida inicialmente sob o signo da divisão dos sexos, não depende de nenhum dado empírico: [...] nenhum elemento feminino se acha implicado a princípio; nem tampouco na oposição do Bem e Mal, dos princípios fastos e nefastos, da direita e da esquerda, de Deus e Lúcifer; a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Bastam três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem “os outros” vagamente hostis. Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são “outros” e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados “estrangeiros”. Os judeus são “outros” para o antisemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, [o antropólogo] Lévi-Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos a serem explicados que os dados fundamentais e imediatos da realidade social”.

Reconstrução em Libras:

O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e do Outro.

A divisão não foi estabelecida inicialmente sob o signo da divisão dos sexos, não depende de nenhum dado empírico: [...] nenhum elemento feminino se acha implicado a princípio; nem tampouco na oposição do Bem e Mal, dos princípios fastos e nefastos, da direita e da esquerda, de Deus e Lúcifer; a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano.

Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Bastam três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem “os outros” vagamente hostis.

Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são “outros” e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados “estrangeiros”.

Os judeus são “outros” para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários.

Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, [o antropólogo] Lévi-Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos a serem explicados que os dados fundamentais e imediatos da realidade social”.

Glosa para Libras:

HOMEM PESSOA PRINCIPAL, ELA OUTRO, MENOR, SEGUNDO. JÁ FAZ TEMPO ATÉ HOJE, TEM SEMPRE DOIS, PRINCIPAL O OUTRO (expressão de desprezo).

PASSADO COMEÇO NÃO TER DOIS GRUPOS, NÃO TER CARACTERÍSTICA JÁ COMBINA MULHER, IGUAL NÃO TEM SEPARADO BOM E RUIM, DIREITA E ESQUERDA, DEUS E DIABO. SEMPRE HUMANO PENSA EM DIFERENTE SEPARADO DOIS GRUPOS.

SE VÁRIAS PESSOAS QUERER AGRUPAR, TEM FORA ELES OUTROS, ESSE AQUI PRINCIPAL, FORA OUTROS. SÓ VÊ TRÊS VIAJANTES JUNTOS, CHAMAM VIAJANTES “OUTROS”.

SE PESSOAS PAÍS ESSE, OUTRAS PESSOAS PAÍS DIFERENTE SINAL “OUTRO”, TAMBÉM DESCONFIA NÃO ACREDITA NELES.

JUDEUS TAMBÉM CHAMAR OUTROS PARA PESSOAS OUTRO PAÍS, INDÍGENAS CHAMAR OUTROS PELOS COLONIZADORES, PESSOAS TRABALHAR PATRÃO CHAMAR OUTROS.

ANTROPÓLOGO L-E-V-I S-T-R-A-U-S-S FALA RESUMO ENCONTRA O QUÊ?

HOMEM SEMPRE PENSAR DOIS, CADA UM SEPARADO DIFERENTE, POR ISSO NATURAL CULTURA, PORQUÊ VÊ SÓ CORPO BIOLOGIA. TEM COMBINA PORQUE HOMEM PENSAR DIFERENTE, SE CERTO OU TANTO FAZ. NÃO PRECISAR EXPLICAR SOBRE BÁSICO ACONTECER, SOCIEDADE (não) PERCEBE DIFERENTE. ELA (sociedade) SIGNIFICA CORPO BIOLÓGICO RESUME.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

3.2.4 Compensação e melhorias

Por fim, trago os procedimentos compensação e melhorias. A primeira trata-se de equilibrar o texto, caso não seja possível reproduzir um recurso estilístico do texto fonte no texto traduzido, uma compensação pode ser feita em outro momento, buscando manter o estilo na tradução. Já o procedimento de melhorias “consiste em não se repetir na tradução os erros de fato ou outros tipos de erros cometidos” no texto original (BARBOSA, 1990, p. 70), como erros gramaticais, coerência e coesão.

Deixei esses dois procedimentos para o final por não apresentarem achados relevantes nesta pesquisa. O texto não apresenta recursos estilísticos marcantes passíveis de compensação, assim como não apresenta erros de qualquer natureza a serem corrigidos.

3.3 Marcadores de Gênero

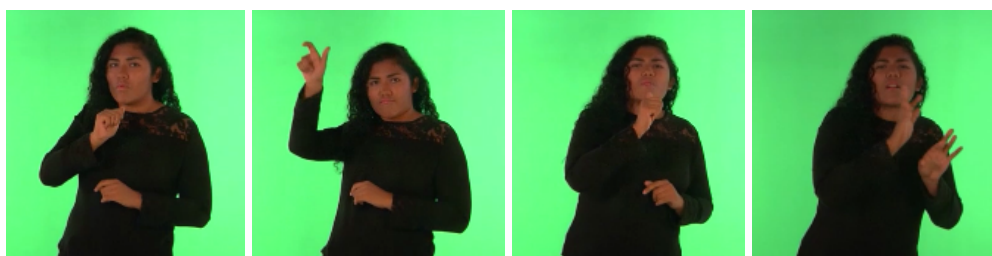
Uma característica marcante identificada na tradução do trecho da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, é a diferença de marcação de gênero das línguas. Na língua portuguesa, essa marcação é frequente, mas, em Libras, as marcações de gênero não são apresentadas da mesma forma. Alguns substantivos sinalizados em Libras, como *namorad@*, *ti@*, *prim@*, *professo@*, por exemplo, não apresentam marcação distinguindo gênero, diferente do que acontece no português. Em Libras, para que seja identificado o gênero de quem se fala, é preciso acrescentar o substantivo *mulher/homem*. Assim como os substantivos, adjetivos e pronomes, geralmente também não apresentam marcação de gênero.

Contudo, as marcações de gênero no texto em português podem ser identificadas em artigos, pronomes pessoais, substantivos e adjetivos como: *mulher*, *fêmea*, *feminino*, *homem*, *macho*, *masculino*. Em Libras, todos esses substantivos perpassam pelos sinais *mulher/homem*. No entanto, ao me deparar com o substantivo “*fêmea*”, entendi que o sinal de “*mulher*”, nesse contexto inicial, não comunicava como deveria. Então, pesquisando com colegas tradutoras e em glossários, os feedbacks coletados foram “ANIMAL + MULHER”, “MULHER”, “F-Ê-M-E-A” (datilologia) ou ainda “ESPÉCIE (cachora, gata..) MULHER”, do mesmo modo para “*macho*”.

A falta de um sinal específico para *fêmea/macho* difundido na comunidade surda do Ceará se mostrou um contratempo para a tradução, pois não pretendia usar o sinal de

“mulher”, visto que a autora traz a distinção entre animal e ser humano em seu texto, “Se a função de fêmea não basta para definir a mulher [...]”, essa estratégia não se mostrou adequada. Outra opção proposta por colegas foi explicar a diferença do sinal de “fêmea” e de “mulher”, porém essa estratégia, assim como a anterior, não se mostrou eficaz, uma vez que o trecho em questão pretendia fomentar a reflexão sobre a diferença entre fêmea e mulher, a própria autora não indica uma resposta em seu texto, deixando para quem lê especular uma resposta. Após essas reflexões, decidi apresentar marcações para ser humano e animal apenas nesse momento do texto, pois, como veremos adiante, “fêmea” está presente em outros contextos que requerem uma estratégia diferente. É possível perceber, na tradução do trecho, a seguinte marcação: “Se a função de fêmea não basta para definir a mulher [...]” foi sinalizado “MULHER (pessoa) DIFERENTE MULHER ANIMAL O QUÊ” (Figura 4 e seguintes).

Figura 4 - Mulher humana/fêmea animal



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 4a - Mulher



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 4b - Pessoa



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 4c - Mulher



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 4d - Animal



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

A estratégia de tradução exposta acima não foi repetida em outro momento, por exemplo, “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades” foi traduzido como

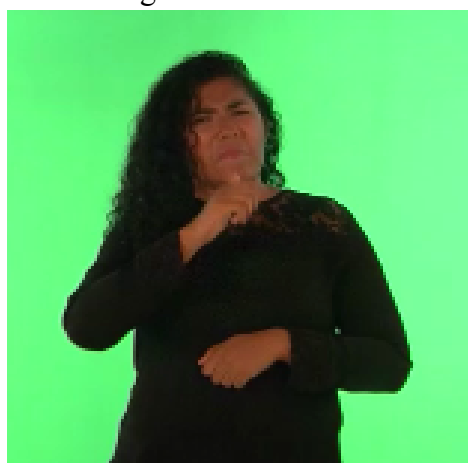
“MULHER? POR QUÊ? PORQUE FALTAR CARACTERÍSTICAS BOAS”, levando em consideração os diferentes contextos em que “fêmea” foi empregado. (Figura 5).

Figura 5 - Mulher? por quê? Falta características boas



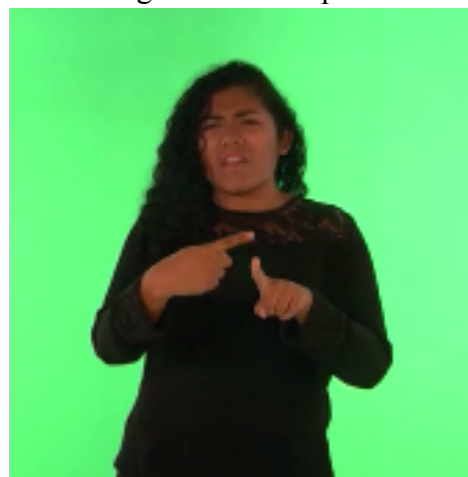
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 5a - Mulher?



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 5b - Por quê?



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 5c - Porque



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 5d - Falta



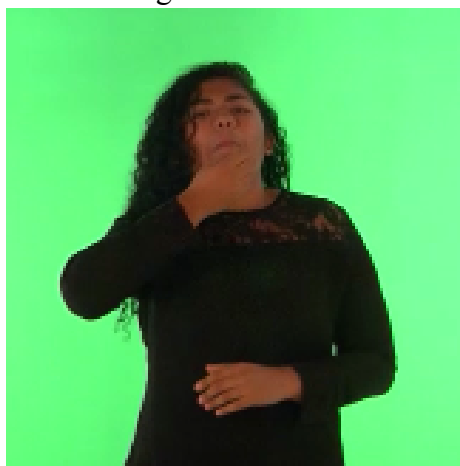
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 5e - Características



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 5f - Boas



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

A próxima marcação em destaque no português é de “feminino”, posto que, em Libras, “mulher”, “fêmea”, “feminino”, passam pelo sinal generalista “mulher”. Essa singularidade da língua foi um desafio tradutório, pois o termo “feminino” passa por características que vão além desta associação, que talvez não ficasse evidente em Libras. A escolha por um sinal correspondente se deu dependendo do contexto em que a palavra estava. Apresentarei três diferentes contextos de aplicação do adjetivo “feminino” encontrados no texto fonte e na tradução.

O primeiro exemplo é encontrado já no início do texto, na frase “[...] prova que elas são dominadas pelo sentimento de sua feminilidade”, traduzindo “feminilidade” como características do ser mulher, em Libras “[...] MAS SIGNIFICA MOSTRAR O QUÊ? DENTRO TER SENTIMENTO FORTE COMBINA MULHER.”

Figura 6 - Feminilidade/mulher



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 6a - Mas



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 6b - Significa



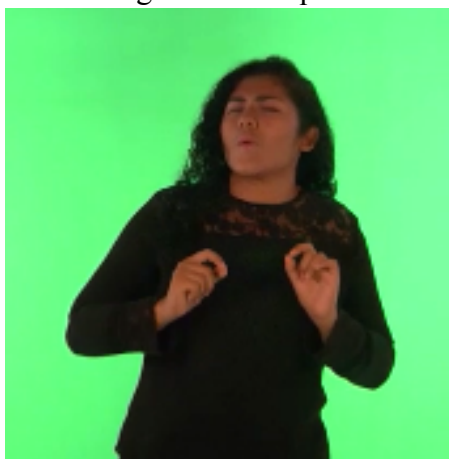
Fonte: Coletivo TransPassando(2021) .

Figura 6c - Mostra



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 6d - O quê?



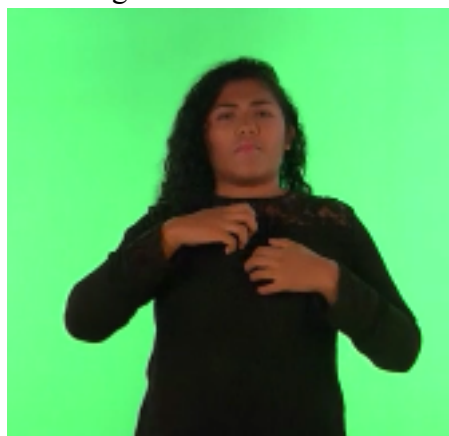
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 6e - Dentro



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 6f - Sentimento



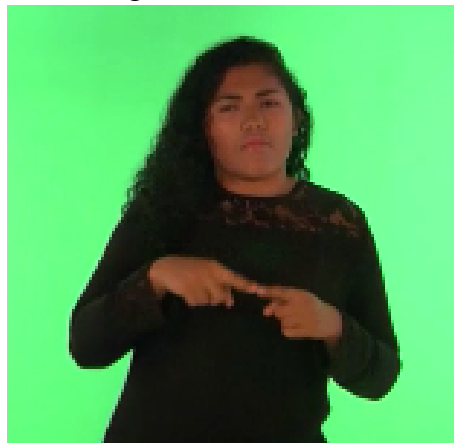
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 6g - Forte



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 6h - Combina



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 6i - Mulher

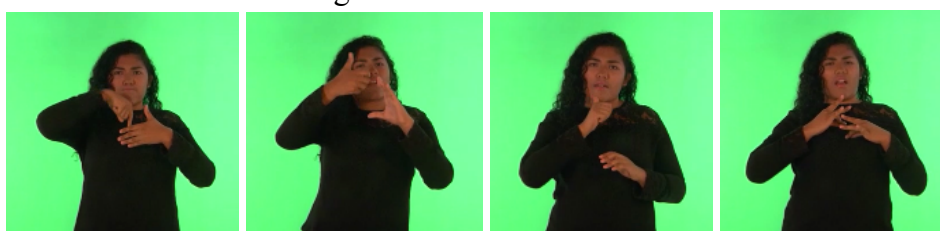


Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

O exemplo seguinte é encontrado na frase “Se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-la pelo ‘eterno feminino’ [essência do Ser-Mulher]”, que traz outro significado para o “feminino”. Aqui não bastava traduzir “eterno

feminino [essência do Ser-Mulher]” meramente como “características da mulher” (estratégia adotada no exemplo anterior), pois seria insuficiente, visto que a “essência do ser-mulher” requer uma profundidade maior em sua tradução. Acrescentei então o sinal de subjetividade, que traz a ideia de interiorização no ser, em uma tentativa de analogia à “essência do ser-mulher”. Traduzindo o trecho da seguinte forma, “MULHER (pessoa) DIFERENTE MULHER ANIMAL O QUÊ? [...] SE A GENTE NÃO QUERER EXPLICAR CONCEITO SIGNIFICA ESSÊNCIA CARACTERÍSTICAS PRÓPRIA MULHER EM MIM”.

Figura 7 - Eterno feminino



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 7a - Essência



Fonte:Coletivo TransPassando (2021).

Figura 7b - Características



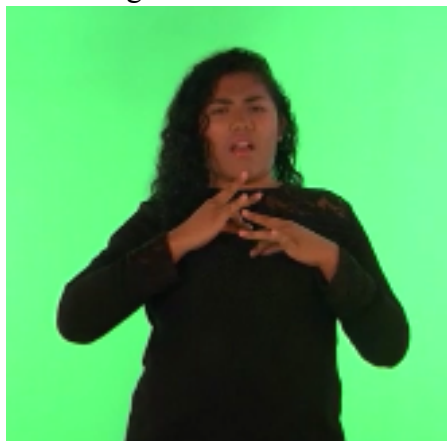
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 7c - Mulher



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 7d - Em mim



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

No terceiro exemplo de escolha tradutória, trago dois momentos em que “feminino” se referia ao ser mulher, para os quais concluí ser pertinente traduzir “feminino” como “mulher” sem que prejuízos fossem causados. No primeiro, em português, temos a frase “[...] daí dizer-se o ‘sexo’ para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo [...]”, que, traduzida para Libras ficou “POR ISSO USA PALAVRA S-E-X-O, PORQUE MULHER SE MOSTRAR PARA HOMEM, SER COMBINAR SEXO, HOMEM VÊ MULHER E PENSA SÓ IMPORTANTE ME DAR SEXO”.

Figura 8 - Mulher/fêmea



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 8a - Sexo



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 8b - Mulher



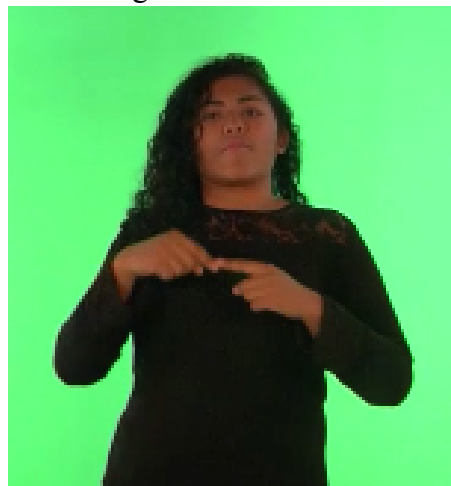
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 8c - Se mostra/apresenta



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 8d - Combina



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 8e - Homem



Fonte:Coletivo TransPassando (2021).

Figura 8f - Vê



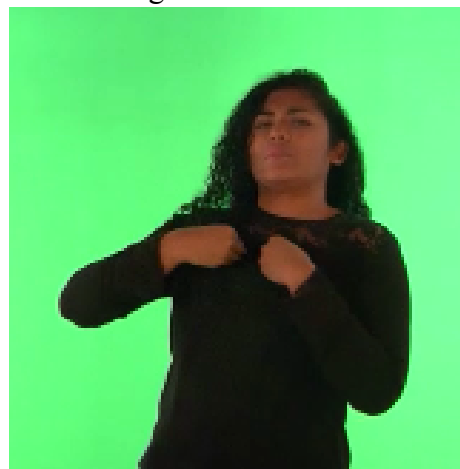
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 8g - Sexo



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

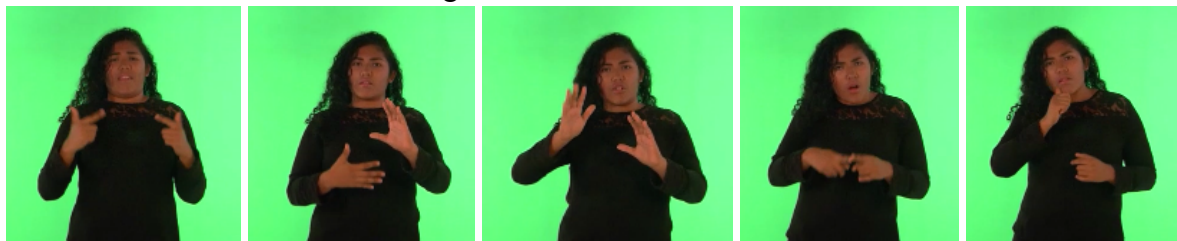
Figura 8h - Me dá



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Por fim, temos outro trecho do texto em que essa estratégia foi adotada: “[...] nenhum elemento feminino se acha implicado a princípio;” foi traduzido como “NÃO TER CARACTERÍSTICAS JÁ COMBINA MULHER”.

Figura 9 - Feminino/mulher



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 9a - Não ter



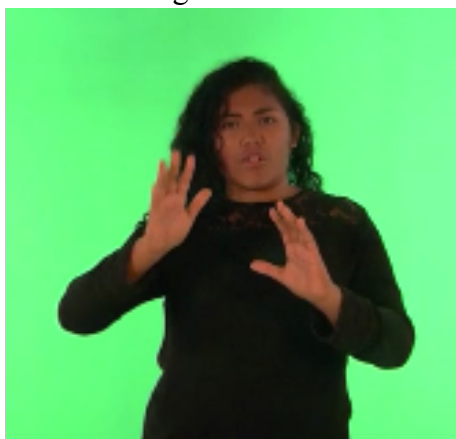
Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 9b - Características



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 9c - Já



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 9d - Combina



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Figura 9e - Mulher



Fonte: Coletivo TransPassando (2021).

Essas foram algumas reflexões do fazer tradutório que julguei notáveis para a verificação das estratégias adotadas durante o processo. A seguir, veremos as considerações finais da presente pesquisa, contudo sem pretensão de pôr um ponto final, visto que muitos outros caminhos podem ser tomados doravante.

4 CONCLUSÃO

A presente tradução comentada se propôs a discutir as atividades desenvolvidas no estudo e preparação da tradução, ao longo da tradução, e analisar os resultados obtidos (ALBRES, 2020; TORRES, 2017). Comentar os processos gera reflexões pertinentes sobre as tomadas de decisão, que são essenciais para entender estratégias que foram exitosas e estratégias que podem ser aperfeiçoadas, e assim evoluir profissionalmente (ROSSI, 2018, p. 31).

Este relato de experiência buscou apresentar esses processos a fim de compartilhar a prática desempenhada na tradução de trecho da obra “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, disposto na apostila do curso de extensão “Transpassando as Barreiras do Silêncio: Surdez e Gênero em questão”, à qual tive acesso por intermédio de uma demanda de trabalho na Universidade Estadual do Ceará - UECE, a fim de somar aos Estudos da Tradução e Estudos de Gênero.

A tradução do recorte do texto de Beauvoir ainda não foi publicada pelo coletivo Transpassando, tendo em vista a atual condição sanitária de pandemia do coronavírus, foi impossibilitada a edição do material traduzido, visto que a presença da tradutora no processo de edição é fundamental para a finalização do texto em Libras. Sendo assim, o material em vídeo analisado nesta pesquisa foi gentilmente cedido pelo coletivo Transpassando.

Ao revisitar essa tradução, que realizei há aproximadamente dois anos, recordei de entraves experienciados durante o processo tradutório e durante a filmagem do material. Assim como na época, reflito sobre condições de trabalho que interferem diretamente na qualidade da produção, como a falta de apoio durante a filmagem, o curto prazo para filmagem e entrega do material e a pouca experiência com tradução do português escrito para Libras em vídeo.

Atualmente, enquanto uma intérprete mais madura, percebo caminhos que poderiam ser tomados para um melhor resultado, como um apoio durante a filmagem para auxiliar com sinais, expressões não manuais e questões técnicas como um retorno visual. Organizar a tradução em blocos separados durante a filmagem também é uma estratégia perspicaz de otimização do trabalho, visto que erros podem acontecer e, nesse caso, a necessidade de regravação se dá apenas em um bloco e não do texto completo. Bem como o prazo de entrega de uma tradução deve ser adequadamente negociado entre tradutora e solicitante, visto que a

revisão do material e qualquer possível regravação são indispensáveis para uma tradução de qualidade.

Posto isso, considereei oportuna a escolha desse texto em meu trabalho de conclusão de curso, no qual busco apresentar as estratégias de tradução utilizadas para solução de problemas ao longo do desenvolvimento da tradução, analisado em três momentos. No primeiro momento, proponho uma análise crítica do contexto social em que a tradução está inserida, o texto de Beauvoir continua tão atual quanto foi em 1949, ano de sua publicação. Quando a autora apresenta as duas categorias de gênero estabelecidas socialmente sob uma ótica biológica, uma é a principal, é a padrão, é a boa, e a “Outra” é secundária, é relativa à primeira, é incompleta e desprovida de qualidades, nesse sentido, a obra “O segundo sexo” expõe o lugar de “outro” em que mulheres são colocadas. Refletir sobre as relações de gênero que interferem na linguagem é crucial para propor uma tradução de um texto existencialista. Diante disso, a tradução comentada dessa obra se justifica por sua relevância histórica no movimento feminista e pela necessidade dessa discussão na comunidade surda.

No segundo momento, comento sobre os procedimentos técnicos de compensação dos aspectos estilísticos propostos por Barbosa (1990) que foram utilizados na tradução, como omissão, explicitação e reconstrução de período empregados de diversas formas, destacados da descrição. Bem como procedimentos que não foram encontrados na pesquisa, como compensação e melhorias por não se mostrarem aplicáveis ao texto.

Por fim, identifico os marcadores de gênero adotados na tradução, apresentados de forma distinta nas línguas envolvidas, uma vez que, em Libras, esses marcadores são usados de forma neutra (PIZZIO *et al.*, 2009). Nesse sentido, adotei o uso de omissões e explicitações em relação aos pronomes pessoais e adaptações não padronizadas dos substantivos mulher, fêmea, feminino, homem, macho e masculino conforme seu contexto de aplicação.

Posto isso, atualmente, enquanto uma profissional mais experiente, com uma bagagem mais ampla que há dois anos, quando a tradução foi realizada, percebo, após a análise realizada por meio de reflexões sobre a prática tradutória, a possibilidade de pensar uma nova filmagem do material traduzido, a fim de buscar escolhas mais adequadas ao texto e alinhar questões técnicas no registro em vídeo da tradução.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva Aquino. **Tradução comentada de/para línguas de sinais**: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, ed. 3, p. 425-451, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33672>. Acesso em: 30 maio 2021

AZENHA JUNIOR, João. **Transferência cultural em tradução**: contextualização, desdobramentos, desafios. *Tradterm*, v. 16, 2010, p. 37-66.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BEAUVOIR, Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand. Introdução. *In*: BEAUVOIR, Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de (ed.). **O segundo Sexo**: fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S.A, 2016a. Cap. 1. p. 9-14. Tradução de Sérgio Milliet.

BEAUVOIR, Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S.A., 2016b. Cap. 1, p. 11. Tradução de Sérgio Milliet.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

CANDIANI, Heci Regina. Simone de Beauvoir: 1908-1986. **Mulheres na Filosofia**, [S. l.], site, p. 1. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/simone-de-beauvoir-2/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

FRANCO, Giullya. **Transpassando**: cursinho gratuito é voltado para a formação de travestis e pessoas transgêneras de Fortaleza. UOL (Fortaleza). on-line, 18 fev. 2019. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/cursinhos-comunitarios/transpassando.htm>.

FRAZÃO, Dilva. **Simone de Beauvoir**: escritora e filósofa francesa. E-biografia , [S. l.], 16 ago. 2021. site, p. 1. Disponível em: https://www.ebiografia.com/simone_de_beauvoir/. Acesso em: 17 ago. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ (Ceará). **Universidade Estadual do Ceará**. Histórico. Site, Fortaleza, p. 1, 2021. Disponível em: <http://www.uece.br/institucional/historico/>. Disponível em: <http://www.uece.br/wp-content/uploads/2020/11/UECE-em-N%C3%BAmeros-2019.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

MOREIRA , Daniele Fernanda Feliz. **Simone de Beauvoir**. Infoescola , [S. l.], [s.d]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/simone-de-beauvoir/>.

OBSERVATÓRIO G (Brasil). **Programa de extensão combate transfobia em universidades do Ceará**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/programa-de-extensao-combate-transfobia-em-universidades-do-ceara>.

PIZZIO, Aline Lemos *et al.* **Língua Brasileira de Sinais V**. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, 2009.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub; ZIPSER, Meta Elisabeth. **1º Período**: introdução aos estudos da tradução. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. *In*: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 170-209.

ROSSI, Thiago William Teles. **Cartilha “O Ministério Público e os direitos de LGBT”**: tradução comentada do português para Libras. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Letras – Língua Brasileira de Sinais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **Formação acadêmico-científica do tradutor/intérprete de libras e português**: o processo investigativo como objeto de conhecimento. *In*: ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **Libras em estudo**: tradução/interpretação. São Paulo: Feneis, 2012. p. 15-34.

STERVID, Beatriz Terreri. **Do texto ao contexto**: uma análise comparativa das abordagens descritiva e funcional dos Estudos da Tradução. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? *In*: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura Traduzida**: tradução comentada e comentários de tradução volume dois. Fortaleza, CE: Substância, 2017. p.15-35.

TRANSPASSANDO. **Curso TransPassando as barreiras do silêncio**: surdez e gênero em questão. UECE: Fortaleza, 2021. No prelo.

WOLF, Hubert. Autor conta história de livros proibidos pelo vaticano. *In*: WOLF, Hubert. **Língua Brasileira de Sinais V**. Brasil: Agência Estado, 2006. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,autor-conta-a-historia-de-livros-proibidos-pelo-vaticano,20060505p3270>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. **A tradução comentada em contexto acadêmico**: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. Belo Horizonte: Aletria, 2015. 332 p.

APÊNDICE – GLOSA DO RECORTE D'O SEGUNDO SEXO

Texto 2 – O segundo sexo: mitos e verdade

AUTORA: S-I-M-O-N-E D-E B-E-A-U-V-O-I-R

As mulheres que afirmam serem homens não dispensam, contudo, as delicadezas e as homenagens masculinas. [...] A atitude de desafio dentro da qual se crispam as norteamericanas prova que elas são dominadas pelo sentimento de sua feminilidade.

MULHERES FALAR SÃO HUMANOS IGUAIS HOMENS, MAS ACEITAR HOMEM TRATAMENTO DIFERENTE ESPECIAL POR CAUSA MULHER. MULHERES PRÓPRIO PAÍS EUA, LÁ ELAS TENTAM CONTRA DEFENDER, MAS SIGNIFICA MOSTRA O QUÊ? DENTRO SENTIMENTO FORTE COMBINA MULHER.

E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes; talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total.

BOM, SÓ OBSERVAR MUNDO PESSOAS PERCEBER TEM 2 GRUPOS. ROUPAS, ROSTOS, CORPO, SORRISO, JEITO, OBJETIVOS E INTERESSES O QUE? MOSTRA DIFERENTE!. DIFERENTE SÓ FORA, TALVEZ FUTURO SUMIR. MAS AGORA DIFERENÇAS MOSTRAR CLARO.

Se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-la pelo “eterno feminino” [essência do Ser-Mulher] e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na Terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher? O próprio enunciado do problema sugere-me uma primeira resposta.

MULHER (pessoa) DIFERENTE MULHER ANIMAL O QUE?.. SE A GENTE NÃO QUERER EXPLICAR CONCEITO SIGNIFICADO ESSÊNCIA DENTRO CARACTERISTICAS PRÓPRIA MULHER EM MIM, DEFINIÇÃO NÃO, MAS EXEMPLO PENSAR COMO SE FOSSE, TEM MUNDO VIDA PESSOAS MULHER, PRECISA ANTES REFLETIR SOBRE PERGUNTAR (apontar para a pergunta), O QUE É MULHER ? QUAL CONCEITO MULHER ? !PERCEBE, PERGUNTA JÁ ME DÁ

REFLEXÃO RESPOSTA!

É significativo que eu apresente esse problema. Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade.

IMPORTANTE MOSTRAR PROBLEMA!

?HOMEM IDEIA REDAÇÃO (escrever) LIVRO SOBRE COMO VIDA DIFERENTE MUNDO? NÃO TER

Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: "Sou uma mulher.

SE QUERO CONCEITO MULHER, ANTES PRECISO FALAR MULHER SOU!

Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade, que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos.

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens, para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino vir o sentido geral do vocábulo homo.

A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada, como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem a mim: "Você pensa assim porque é uma mulherl.

ESSA DEFINIÇÃO É BASE PARA OUTRAS. HOMEM COMEÇAR SE APRESENTAR FALAR SOU HOME? (expressão negativa) DÁ PERCEBER CLARO HOMEM. ÁREA FORMAL REGISTRO CARTÓRIO OU RG, ASSINATURA HOMEM E MULHER COMPARAÇÃO IGUAL. RELAÇÃO HOMEM E MULHER POLOS DIFERENTE NÃO É.

DESDE SEMPRE HOMEM MOSTRA PADRÃO E NORMAL, EXEMPLO, PESSOAS USAR PALAVRA HUMANO, LATIN PALAVRA V-I-R SIGNIFICA HOMEM PARECE H-O-M-O SIGNIFICA HUMANO, MAIS USA IGUAL.

MAS MULHER PARECE ERRADO. MULHER BARREIRAS PORQUE HOMEM

FECHA PORTAS, NÃO TER EMPATIA. PASSADO EU CURSO CONVERSAÇÃO, ACONTECEU COMIGO VÁRIAS VEZES HOMENS FALAREM, SUA OPINIÃO PORQUE VOCÊ MULHER (expressão de desdém).

Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “Penso-o porque é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade.

EU PENSAR (expressão/ olhar para cima) DEFESA RESPONDER O QUE? (não) MINHA OPINIÃO PORQUE É VERDADE !!

Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: "E você pensa o contrário porque é um homem, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada.

NÃO COMBINA RESPONDER “VOCÊ É HOMEM POR ISSO DISCORDA”, PORQUE PARECE SER HOMEM NÃO É CARACTERÍSTICA, PORQUE ELE TA CETO, CERTO COMBINAR COM HOMEM, MAS MULHER NÃO COMBINA COM SER HUMANO, MULHER ERRADA.

Praticamente, assim como para os antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o tipo masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas.

IGUAL ANTIGAMENTE PASSADO TINHA CERTEZA JÁ QUAL HUMANO CERTO, SUPERIOR É HOMEM. MULHER TEM OVÁRIOS E TEM ÚTERO, POR ISSO É MULHER, PARECE NORMAL JÁ FALAR ELA PENSAMENTO EMOÇÃO, ELA PENSA COM O CORPO.

O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades” diz Aristóteles. “Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural”.

HOMEM ORGULHO PARECER ESQUECER CORPO TAMBÉM TER HORMÔNIOS, PÊNIS E TESTÍCULO. PENSAR QUE CORPO NO MUNDO RELAÇÃO

NORMAL É CARACTERÍSTICA PRÓPRIA DELE SUBJETIVIDADE, MAS CORPO MULHER (expressão de desdém) PARECE DENTRO TEM PESADO POR CAUSA DE CARACTERÍSTICAS PRÓPRIA, PARECE BARREIRA, PARECE PRISÃO.

“MULHER? PORQUE? PORQUE FALTA CARACTERÍSTICAS BOAS”- QUEM FALAR? A-R-I-S-T-Ó-T-E-L-E-S.

ELE TAMBÉM FALA “A GENTE PRECISA SABER PERFIL MULHER DENTRO DEFEITO, FALTAR, NATURAL DELA”.

E são Tomás [de Aquino], depois dele, decreta que a mulher é um homem “incompleto”, um ser “ocasional”.

SÃO T-OM-Á-S D-E A-Q-U-I-N-O FALA “MULHER É O QUE? É HOMEM PRONTO AINDA NÃO, ELA ACONTECEU SURGIU”.

E o que simboliza a história do Gênese, em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um “osso supranumerário” de Adão. A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. “A mulher, o ser relativo...”, diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em Rapport d’Uriel: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem”.

TEM HISTÓRIA BÍBLIA GÊNESE, MULHER EVA CRIADA AUTOR FALA “OSSO IGUAL TER VÁRIOS, NÃO FAZER FALTA” DO CORPO DE ADÃO. HUMANIDADE É RESUMO HOMEM, POR ISSO HOMEM USAR COMPARAR MULHER CONSIGO MAS DIFERENTE FALTA, ELA INDEPENDENTE NÃO TER. HOMEM M-I-C-H-E-L-E-T FALA QUE MULHER DEPENDER (dele), B-E-N-D-A FALA “CORPO PRÓPRIO HOMEM TEM SIGNIFICADO JÁ PRONTO, MAS MULHER NÃO TER, SE MULHER NÃO TEM HOMEM, ENTÃO NÃO TER CONCEITO, MAS HOME, INDEPENDENTE LIVRE, TEM CONCEITO PRÓPRIO FALAR JÁ PRONTO.

Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial.

HOMEM DECIDIR MULHER O QUE É, POR ISSO USAR PARALVRA S-E-X-O, PORQUE MULHER SE APRESENTAR PARA HOMEM, SER COMBINAR SEXO, HOMEM VÊR MULHER E PENSAR SÓ SEXO, POR ISSO ELA É PRÓRPIA DELE. A MULHER SEMPRE VIDA USA MODELO HOMEM, NÃO É COMPARAÇÃO ELA MESMO, HOMEM IMPORTANTE (muito), MULHER COMPARAÇÃO NÃO TER IMPORTANTE NADA.

O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e do Outro.

HOMEM É PESSOA PRINCIPAL, “ELA” É OUTRO, MENOR IMPORTANTE, SEGUNDO. JÁ, FAZ TEMPO ATÉ HOJE TEM SEMPRE DOIS, O PRINCIPAL E “OUTRO” (expressão de desprezo).

A divisão não foi estabelecida inicialmente sob o signo da divisão dos sexos, não depende de nenhum dado empírico: [...] nenhum elemento feminino se acha implicado a princípio; nem tampouco na oposição do Bem e Mal, dos princípios fastos e nefastos, da direita e da esquerda, de Deus e Lúcifer; a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano.

PASSADO NO COMEÇO NÃO TER DOIS GRUPOS, NÃO TER CARACTERÍSTICA JÁ COMBINA MULHER, IGUAL NÃO TEM SEPARADO BOM E RUIM, DIREITA E ESQUERDA, DEUS E DIABO. SEMPRE HUMANO PENSA EM DIFERENTE SEPARADO DOIS GRUPOS.

Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Bastam três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem “os outros” vagamente hostis.

SE VÁRIAS PESSOAS QUERER AGRUPAR, TEM FORA ELES OUTROS, ESSE AQUI PRINCIPAL, FORA OUTROS. SÓ VÊ TRÊS VIAJANTES JUNTOS, CHAMAM VIAJANTES “OUTROS”.

Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são “outros” e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados “estrangeiros”.

SE PESSOAS PAÍS ESSE, OUTRAS PESSOAS PAÍS DIFERENTE SINAL “OUTRO”, TAMBÉM DESCONFIAR NÃO ACREDITAR.

Os judeus são “outros” para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas,

OS JUDEUS TAMBÉM CHAMAR “OUTROS” PARA PESSOAS OUTRO PAÍS, OS INDÍGENAS CHAMAR “OUTROS” PELOS COLONIZADORES, PESSOAS TRABALHAR PATRÃO CHAMAR “OUTROS”.

[o antropólogo] Lévi-Strauss pôde concluir:

“A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos a serem explicados que os dados fundamentais e imediatos da realidade social”.

O ANTROPÓLOGO L-E-V-I S-T-R-A-U-S-S FALA RESUMO ENCONTRA O QUÊ?

HOMEM SEMPRE PENSAR DOIS, CADA UM SEPARADO DIFERENTE, POR ISSO NATURAL CULTURA, PORQUÊ VÊ SÓ CORPO BIOLOGIA. TEM COMBINA PORQUE HOMEM PENSAR DIFERENTE, SE CERTO OU TANTO FAZ. NÃO PRECISAR EXPLICAR SOBRE BÁSICO ACONTECER, SOCIEDADE (não) PERCEBE DIFERENTE. ELA (sociedade) SIGNIFICA CORPO BIOLÓGICO RESUME.

ANEXO A – RECORTE D’ O *SEGUNDO SEXO*

Texto 2 – O segundo sexo: fatos e mitos, V. 1 (p. 28-30).

Autora: Simone de Beauvoir

As mulheres que afirmam serem homens não dispensam, contudo, as delicadezas e as homenagens masculinas. [...] A atitude de desafio dentro da qual se crispam as norte-americanas prova que elas são dominadas pelo sentimento de sua feminilidade. E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes; talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total.

Se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-la pelo “eterno feminino” [essência do Ser-Mulher] e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na Terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher?

O próprio enunciado do problema sugere-me uma primeira resposta. É significativo que eu apresente esse problema. Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “Sou uma mulher.” Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade, que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens, para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada, como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem a mim: “Você pensa assim porque é uma mulher”. Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “Penso-o porque é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: “E você pensa o contrário porque é um homem”, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo

homem, é a mulher que está errada. Praticamente, assim como para os antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o tipo masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. “A fêmea é fêmea em virtude de certa *carência* de qualidades” diz Aristóteles. “Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural”. E são Tomás [de Aquino], depois dele, decreta que a mulher é um “homem incompleto”, um ser “ocasional”. E o que simboliza a história do Gênesis, em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um “osso supranumerário” de Adão. A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. “A mulher, o ser relativo...”, diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d’Uriel*: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem”. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.

A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e do Outro. A divisão não foi estabelecida inicialmente sob o signo da divisão dos sexos, não depende de nenhum dado empírico: [...] nenhum elemento feminino se acha implicado a princípio; nem tampouco na oposição do Bem e Mal, dos princípios fastos e nefastos, da direita e da esquerda, de Deus e Lúcifer; a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. Bastam três viajantes reunidos por acaso num mesmo compartimento para que todos os demais viajantes se tornem “os outros” vagamente hostis. Para os habitantes de uma aldeia, todas as pessoas que não pertencem ao mesmo lugarejo são “outros” e suspeitos; para os habitantes de um país, os habitantes de outro país são considerados “estrangeiros”. Os judeus são “outros” para o antissemita, os negros para os

racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, [o antropólogo] Lévi-Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos a serem explicados que os dados fundamentais e imediatos da realidade social”.

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DE USO DO MATERIAL AUDIOVISUAL



Governo do Estado do Ceará
Universidade Estadual do Ceará – UECE
Centro de Humanidades – CH
Av. Luciano Carneiro, 345, Bairro de Fátima.
Curso de Graduação em Filosofia
Contato (85) 3101-2030
Programa de Extensão Transpassando - UECE



DECLARAÇÃO

Declaramos para devidos fins e direitos que **Maria Isabel Ivonilde Costa da Silva**, de CPF **617.123.233-50**, integra a equipe de pessoas voluntárias do **TRANSPASSANDO - PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE TRAVESTIS E PESSOAS TRANSGÊNERAS: CURSOS PREPARATÓRIOS PARA O ENEM E FORMAÇÃO PROFISSIONAL**, Programa de Extensão da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Declaramos que atua na função de **Interprete e Educadora** do projeto **FORMAÇÃO CONTINUADA EM SURDEZ E GÊNERO**. Declaramos, por fim, que ela está autorizada a utilizar o material (apostila escrita e tradução em audiovisual) produzida para o curso **TRANSPASSANDO AS BARREIRAS DO SILÊNCIO: SURDEZ E GÊNERO EM QUESTÃO** realizado em 2019, pela equipe envolvida listada na apostila que está disponível no link:

https://drive.google.com/file/d/1DZU9qP8LENrqvSyEsL8qi_DL5NR7NfZ_/view?usp=sharing

Este material foi promovido de forma colaborativa pelo Coletivo Transpassando e está disponível para fins de produção e/ou visibilização científica, acadêmica e cultural em favor das pautas defendidas pelo coletivo, no que diz respeito ao combate à transfobia e demais preconceitos..

Fortaleza-CE, 28/09/2021.

Prof. Dra. Ilana Viana do Amaral
Coord. Geral do Programa Transpassando

Prof. Me. Paulo Willame Araújo de Lima
Coord. Pedagógico do Projeto Surdez e Gênero

Coletivo Transpassando
G-mail: prog.transpassandouece@gmail.com
E-mail institucional: transpassando@uece.br
Página no Facebook: Transpassando UECE
Instagram: @transpassando
WhatsApp: (85) 98684-6938



